

MESTRADO
ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

**O Impacto do Seio Familiar no
Percurso Académico e Profissional: Um
Estudo Empírico na FEP e na FLUP**
Ana Carolina Gonçalves Viana de Sá

M

2022



O Impacto do Seio Familiar no Percurso Académico e Profissional: Um
Estudo Empírico na FEP e na FLUP

Ana Carolina Gonçalves Viana de Sá

Dissertação

Mestrado em Economia e Administração de Empresas

Orientada por

Professor Doutor Manuel António Fernandes da Graça

Setembro 2022

Agradecimentos

Sempre ouvi dizer que um sonho é apenas um desejo até ao momento em que começamos a trabalhá-lo e que nos propomos a transformá-lo numa meta. Pois bem, o finalizar desta dissertação, representa a conquista de um desses sonhos, que se tornou real, após longos meses de empenho, determinação e força de vontade.

Encontramo-nos tão focados em prestar agradecimento às pessoas que nos rodeiam que nos esquecemos, por momentos, de agradecer a quem esteve sempre lá e que se superou e dedicou de forma incondicional para que a conclusão desta etapa fosse possível: nós mesmos. Assim sendo, o primeiro agradecimento, aliado a um profundo orgulho, é para mim, por acreditar sempre que sou capaz de tudo aquilo a que me desafio, por correr atrás dos meus objetivos e por não desistir a cada adversidade.

Tal não teria, no entanto, sido possível, sem a presença de algumas pessoas, a quem gostaria de prestar reconhecimento pelo suporte, apoio e encorajamento dado ao longo de todo o meu percurso académico.

O meu maior agradecimento é para a minha mãe, Isabel Carvalhido, pelo apoio incondicional em todas as etapas da minha vida e pela luta constante para que as minhas conquistas possam ser alcançadas. Falar de ti é falar de amor, proteção, orgulho e inspiração.

Um especial agradecimento, também, aos meus avós e à minha irmã, que sempre me incentivaram e me transmitiram força e confiança. Obrigada por estarem sempre comigo e por me proporcionarem tantos momentos de qualidade junto de vocês.

À Cláudia, ao Paulo e à Joana, por me terem acolhido como família, pelo apoio, pela constante presença, pelos conselhos partilhados e memórias que irei recordar, para sempre, com saudade. Ao Gabi, à Catarina, a todos os meus amigos, colegas de trabalho e família, um grande obrigada pelas sucessivas provas de que tenho as pessoas certas junto de mim.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Manuel Graça, pelo seu profissionalismo, rigor e exigência ao longo do desenvolvimento desta dissertação e aos professores Virgílio Pereira, Alexandra Lopes e Isabel Cunha, pela disponibilidade e ajuda na partilha do questionário.

Não posso deixar de manifestar, ainda, gratidão à minha entidade patronal - Oliveira, Reis & Associados - pela flexibilidade na combinação do trabalho com o mestrado, bem como à Universidade do Minho e à Faculdade de Economia do Porto, por se terem tornado, em locais de memórias e ensinamentos que levarei comigo para sempre.

Resumo

Todos somos capazes de ter sucesso a nível académico e profissional se trabalharmos em prol disso. No entanto, consoante o que nos rodeia, esse caminho pode originar velocidades e dificuldades distintas. Por tais razões e pelo impacto que é gerado pela escolha do percurso que seguimos - desde mudanças no estilo de vida, nas oportunidades que começaremos a ter e nos cidadãos com os quais passaremos a relacionar-nos - a vida de cada um é fomentada pelas escolhas individuais, mas também pelas oportunidades e núcleo familiar que nos rodeia.

Assim sendo, o estudo do impacto do seio familiar no percurso académico e profissional procura analisar se a proximidade ao mercado e a influência parental determinam as escolhas individuais, através da clarificação do conceito de identidade, carreira e família – os três pontos chave da investigação -, ao mesmo tempo que explora os principais aspetos que se encontram subjacentes à escolha académica e à perceção que o estudante tem acerca do seu futuro profissional. Para tal, procedeu-se ao desenvolvimento de um estudo de natureza quantitativa – através de uma análise descritiva a um conjunto de variáveis – e de natureza qualitativa – onde foram preenchidos 130 questionários, divididos entre a FEP e a FLUP.

A análise dos dados permitiu entender a influência que indicadores como o nível socioeconómico e educacional das famílias, as aspirações e expectativas das figuras parentais e a própria estrutura do agregado tem no percurso seguido pelo estudante. Identificou, igualmente, os principais indicadores de distinção entre as duas faculdades, assumindo, os alunos da FEP, um espírito mais otimista em relação a si e às suas metas, um grande enfoque na liberdade financeira e ambição por cargos de liderança, prospeções salariais consideravelmente mais notórias e um número substancialmente superior de estudantes a seguirem uma posição idêntica à dos seus progenitores.

Palavras-chave: Carreira profissional; Influência do agregado familiar; Percurso académico; Personalidade; Proximidade ao mercado.

Classificação JEL: D15; J24; J31

Abstract

We are all capable of academic and professional success if we work for it. However, depending on our surroundings, that path may lead to different speeds and difficulties. For these reasons, and due to the impact that is generated by the path we choose to follow - from changes in lifestyle, in the opportunities we will begin to have, and in the citizens we will relate to - each person's life is fostered by individual choices, but also by the opportunities and family nucleus we have around us.

Therefore, the study of the impact of the family environment on the academic and career path seeks to analyze whether proximity to the market and parental influence determine individual choices, through the clarification of the concept of identity, career and family - the three key points of the research -, while exploring the main aspects underlying academic choice and the student's perception of their professional future. To this end, we developed a quantitative study - through a descriptive analysis of a set of variables - and a qualitative study - where 130 questionnaires were filled out, divided between FEP and FLUP.

The data analysis allowed us to understand the influence that indicators such as the socio-economic and educational level of the families, the aspirations and expectations of the parental figures and the very structure of the household have on the trajectory of the student. It also identified the main indicators of distinction between the two faculties, with FEP students assuming a more optimistic spirit in relation to themselves and their goals, a strong focus on financial freedom and ambition for leadership positions, considerably more notorious salary prospects and a substantially higher number of students following a position identical to that of their parents.

Keywords: Professional career; Household influence; Academic background; Personality; Market proximity

JEL Classification: D15; J24; J31

Índice

1.	Introdução	1
2.	O Indivíduo: Identidade, Carreira e Influência Familiar	5
2.1.	O Indivíduo e a Construção de Identidade	5
2.2.	O Indivíduo e a Construção de Carreira	10
2.2.1.	Carreira: Abordagem Clássica	10
2.2.2.	Carreira: Abordagem Emergente	17
2.3.	A Influência da Família na Formação do Indivíduo	21
3.	Estudo Empírico – A Influência da Família nas Escolhas Individuais.....	28
3.1.	Metodologia: Procedimento e Recolha dos Dados	29
3.2.	Caraterização dos Participantes	34
3.3.	Análise e Interpretação dos Resultados	38
3.3.1.	Abordagem Quantitativa: Análise Estatística Simples	38
3.3.2.	Abordagem Qualitativa: Análise ao Questionário	42
3.3.2.1.	A Formação de Identidade do Indivíduo	42
3.3.2.2.	A Formação e Perspetiva de Carreira do Indivíduo	46
3.3.2.3.	A Relação do Estudante com o seu Seio Familiar	53
3.3.2.4.	A Influência da Família na Vida do Indivíduo	58
4.	Conclusão do Estudo	62
4.1.	Sumário e Conclusões	62
4.2.	Contributos	66

4.3. Limitações	68
4.4. Sugestões para Estudos Posteriores.....	69
Referências Bibliográficas	70
Anexos	75

Índice de Figuras

1. Estados de Identidade	7
2. Tipos de Personalidade e Ambientes Vocacionais	11
3. Teoria do Ajustamento à Carreira	13
4. A Carreira Inteligente: Interação Entre as Três Formas de Saber	18
5. Carreira Proteana versus Carreira Tradicional	20
6. Teoria da Escolha e Desenvolvimento de Carreira	25

Índice de Tabelas

1. Dados Demográficos	34
2. Experiência Profissional	36
3. Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo	39
4. Média Truncada da Expectativa de Rendimento Bruto a Auferir	40
5. Estatística Descritiva do Rendimento Bruto a Auferir por Curso Frequentado ...	41
6. Fases de Identidade do Indivíduo	43
7. Escolha do Percurso Académico	47
8. Grau de Escolaridade do Agregado Familiar	54
9. Profissões do Agregado Familiar	55
10. Ciências Exatas ou Biológicas versus Ciências Humanas	56
11. O Estudante e o Respetivo Acompanhamento Familiar	57
12. Influência do Agregado Familiar nas Escolhas Individuais	59

Índice de Gráficos

1. Composição do Agregado Familiar	35
2. Diferentes Formas de Obtenção da Experiência Profissional	37
3. Construção Identitária do Indivíduo (FEP)	45
4. Construção Identitária do Indivíduo (FLUP)	45
5. Motivos Subjacentes à Escolha Vocacional	48
6. Perspetiva de Evolução Salarial (FEP)	52
7. Perspetiva de Evolução Salarial (FLUP)	52
8. Percurso Académico do Estudante versus Profissão do Agregado Familiar	58
9. Prossecução do Percurso Profissional na Empresa do Agregado Familiar	58
10. Familiar com Maior Influência nas Decisões Individuais (FEP)	60
11. Familiar com Maior Influência nas Decisões Individuais (FLUP)	60

1. Introdução

Face ao contexto sociocultural que presenciamos nos dias de hoje e no qual somos agentes de mudança, o tema do papel do seio familiar no percurso acadêmico e profissional assume uma especial pertinência. Se, classicamente, a transição para a idade adulta era associada à constituição de família e a uma estabilização pessoal e profissional, atualmente essa transição sofreu profundas alterações. A existência de um mercado de trabalho cada vez mais complexo e competitivo, tem originado percursos académicos mais prolongados e, conseqüentemente, carreiras profissionais mais tardias e instáveis. Ao mesmo tempo, assiste-se ao aumento da dependência dos jovens em relação ao seu núcleo familiar, quer a nível financeiro quer emocional, dando-se a emancipação residencial cada vez mais adiante.

Os novos contornos com os quais nos deparamos, aliados à crescente importância dada ao suporte parental, repercutem-se em desafios ao modo como os jovens olham e constroem a sua identidade, carreira e autonomia nas decisões tomadas, culminando numa nova fase no ciclo de vida dos indivíduos, proposta por Jeffrey (1998), designada de adulto emergente. Esta fase, a qual poderá ser mais ou menos extensa, conforme a forma como a vida de cada indivíduo se desenrole, marca o fim da adolescência e o início da idade adulta, situando-se, regra geral, entre os 18 e os 29 anos e é caracterizada pelo intervalo de tempo em que o sujeito já ultrapassou a fase da adolescência, mas, ainda, não possui as características representativas da idade adulta.

Do mesmo modo que a construção identitária vai sofrendo alterações, também o conceito de carreira tem registado uma evolução significativa, em consonância com as alterações decorrentes nos mercados. Assim, o paradigma tradicional de que um sujeito prossegue uma carreira de longo prazo, permanecendo na mesma área e na mesma entidade até ao término do seu percurso profissional, tem vindo a ser substituído, na economia liberal, por novas abordagens, caracterizadas pela independência dos indivíduos face aos seus empregadores e pelo traçar de planos que equilibrem o lado profissional com o lado pessoal. É, neste sentido, que surge DeFillippi & Arthur (1994), autores que defendem que os sujeitos têm a responsabilidade de investir, no seu ambiente vocacional, num conjunto de competências centrais, cruciais para o aumento do seu valor de mercado e, por conseguinte, as chances de empregabilidade, ao mesmo tempo que as organizações vão procurar, do

mesmo modo, desenvolver e investir, cada vez mais, nos seus colaboradores, em resposta à competitividade que o mercado faz sentir.

Com a finalidade de dar resposta à questão de partida: “Em que medida é que o fator de proximidade ao mercado e a influência familiar determinam as escolhas de formação académica?”, definimos como principais objetivos que pretendemos atingir ao longo da investigação, a exploração e identificação:

- Das diferentes fases que o indivíduo pode experienciar ao longo do desenvolvimento da sua identidade;
- Do possível impacto que a perceção que o indivíduo tem sobre si mesmo tem nas escolhas individuais, bem como do poder que as relações e as mudanças situacionais poderão ter no conflito de identidade;
- Das principais razões subjacentes à escolha do percurso académico e a perspetiva do estudante perante possíveis mudanças de trajetória, aliado ou não a expectativas de evolução salarial;
- Das características mais relevantes que determinam a aceitação de uma oportunidade de trabalho;
- Dos aspetos do agregado familiar que exercem maior influência sobre a formação da identidade e a prossecução de uma determinada vocação;
- Das particularidades familiares que influenciam as perspetivas de futuro;
- Da influência direta que o indivíduo considera que os seus parentes têm sobre si.

Para que esses objetivos sejam alcançados, o estudo foi dividido em duas grandes partes: a primeira parte apresenta o quadro teórico de pesquisa a partir de uma revisão aprofundada da literatura, a qual constitui o suporte crítico indispensável à investigação, e é responsável por explicitar os principais conceitos, influências literárias e modelos conceptuais que estão na base dos três pontos de destaque: identidade, carreira e influência familiar; e a segunda parte, de teor empírico, caracterizada pela recolha dos dados que estão na base da obtenção das respostas-chave, bem como pela análise dos resultados, apresentando as correlações encontradas e as principais conclusões do estudo.

A revisão de literatura é desagregada em três subcapítulos, todos eles com um ponto em comum: o indivíduo. Além dos variados conceitos, bem como ordens de pensamento que foram contribuindo, ao longo do tempo, para a investigação e sobre os quais iremos

fazer referência no trabalho, do primeiro subcapítulo, denominado de “O Indivíduo e a Construção de Identidade”, destacaremos a nossa pesquisa para dois estudos, nomeadamente o proposto por Marcia (1994) e o apresentado por Adam & Marshall (1996), os quais têm como base a Teoria da Formação de Identidade proposta por Erikson (1968) e assentam em diferentes estados de identidade que o indivíduo pode experienciar.

O segundo subcapítulo, designado de “O Indivíduo e a Construção de Carreira”, será repartido em duas grandes ordens de ideias: a carreira tradicional e a carreira emergente. No que respeita à abordagem mais clássica, será dado enfoque aos autores Sonnenfeld & Kotter (1982), com as suas quatro etapas na maturação de carreira: a abordagem da estratificação social, a dos traços de personalidade, a dos estádios de carreira e a do ciclo de vida; bem como a dois outros relevantes modelos conceptuais do domínio do desenvolvimento de carreira, nomeadamente a Teoria do Ajustamento à Carreira de Crites (1969) e o Modelo de Adaptabilidade à Carreira de Savickas (1997; 2002).

O terceiro subcapítulo, apelidado de “A Influência da Família na Formação do Indivíduo”, onde iremos procurar analisar os principais indicadores que ajudam a direccionar as orientações dos estudantes num determinado sentido, indicadores esses relacionados a principal variável externa que induz a escolhas individuais: a influência familiar. Assim sendo, serão analisados, em maior detalhe, os pensamentos de variados autores, tais como o indicador do nível socioeconómico, apresentado por Detry & Cardoso (1996), as aspirações das figuras parentais, evidenciadas no estudo de Wigfield & Eccles (2002) e o acompanhamento e participação dos pais nas atividades escolares, defendido por Nogueira et al. (2009). Adicionalmente, e em maior detalhe, será estudada a Teoria da Escolha e Desenvolvimento de Carreira, apresentada por Anne Roe (1957), utilizando como suporte a Hierarquia de Necessidades de Maslow.

Em semelhança com a primeira, também a segunda parte, do estudo empírico, se encontra dividida em três subcapítulos. No primeiro, o qual denominamos de “Metodologia: Procedimento e Recolha dos Dados”, será efetuada uma apresentação do enquadramento metodológico da investigação, expondo a natureza e desenho da investigação, os procedimentos seguidos, a incidência do inquérito e realizando uma explicação detalhada das questões que o compõem, com o objetivo primordial de responder à questão de partida “Em que medida é que o fator de proximidade ao mercado e a influência familiar determinam as escolhas de formação académica?”.

No segundo subcapítulo, intitulado de “Caraterização dos Participantes” será efetuada uma breve introdução relativa às duas faculdades que serão alvo de análise, nomeadamente a Faculdade de Economia e a Faculdade de Letras, ambas da Universidade do Porto, bem como será realizada uma caraterização da amostra, com recurso às primeiras questões evidenciadas no questionário, relativas aos seus dados biográficos, nomeadamente género, idade, nacionalidade, composição do agregado familiar, faculdade e curso em que se encontra inserido, experiência profissional e modo de obtenção dessa mesma experiência.

No último subcapítulo, conhecido por “Análise e Interpretação dos Resultados”, iremos explorar, numa primeira fase, através das tendências encontradas, as variáveis com maior peso na temática, apresentando os resultados na modalidade de análise descritiva. Posteriormente, serão discutidas as respostas evidenciadas nas diversas questões que compõem o inquérito, correlacionando as conclusões retiradas com o suporte teórico, visando refutar – ou não – os modelos que foram sendo apresentados ao longo da revisão de literatura, sobre a formação de identidade, carreira e influência familiar.

Para finalizar, a dissertação terá, ainda, um ponto 4, onde será efetuada uma síntese dos principais pontos, indicadas as conclusões mais relevantes retiradas do estudo, evidenciados os principais contributos e limitações derivadas da pesquisa, bem como apresentadas sugestões para estudos posteriores, que poderão enriquecer a proposta de investigação e até mesmo potenciar ajustes nos ambientes familiares, com o objetivo de melhorar indicadores que tenham influência direta na construção da identidade e nas orientações de futuro.

2. O Indivíduo: Identidade, Carreira e Influência Familiar

2.1. O Indivíduo e a Construção de Identidade

A noção de identidade assegura, de forma permanente, um conjunto de valores e crenças, encontrando-se na base do reconhecimento social. Esta construção é uma tarefa preponderante pela complementaridade do passado e futuro do indivíduo, na medida em que liga as vivências passadas à expectativa de um futuro promissor, dando sentido ao seu percurso de vida. Assim, indissociável da análise de identidade, está a dos processos de reconhecimento social e profissional que incorporam o contexto onde o indivíduo se insere. Sainsaulieu (1995) conceptualiza identidade como sendo *“um processo relacional de investimento no self, onde o reconhecimento identitário se encontra fortemente dependente das relações de poder estabelecidas, do lugar que o indivíduo ocupa no grupo e do seu sentimento de pertença, valores e crenças”* (p. 217). Alvesson & Willmott (2002) corroboram esta ideia, acrescentando que *“a auto-identidade é construída a partir de uma série de recursos, tais como linguagem, símbolos e valores, aos quais os indivíduos são expostos nas suas experiências do dia-a-dia”*. (p. 626)

O desenvolvimento da identidade é um processo não-linear que dura toda a vida, já que prossegue por fases de abertura – altura em que o sujeito explora, revê e reconsidera escolhas – e fases de consolidação ou integração de compromissos. Embora que a formação da identidade tenha as suas raízes na infância, este processo assume nova proeminência na adolescência devido à convergência física, bem como às mudanças cognitivas e sociais, especialmente nos últimos anos da adolescência, altura em que é mais evidente a exploração das possibilidades de um sentido de identidade típica em nichos sociais (Erikson, 1968).

É nesta fase da adolescência que os jovens se começam a questionar sobre si próprios, construindo quase que involuntariamente uma auto-narrativa, recorrendo a memórias e desejos de reproduzir ou transformar o seu sentido de si e assumindo, progressivamente comportamentos de menor necessidade de apoio emocional e instrumental dos pais (Andrade, 2010a). Este processo de separação psicológica das figuras parentais, surge associado à conquista da autonomia por parte do adulto emergente, a qual lhe confere uma melhor capacidade de adaptação às exigências sociais do futuro papel de adulto.

Assim sendo, esta fase funciona como a entrada pela porta da mudança rumo ao desenvolvimento do indivíduo e das escolhas que tomará para a sua vida, expressas em singularidade – na medida em que o sujeito apresenta a versão autêntica de si mesmo, pela

definição da sua conduta e marca pessoal -, desejos, confiança – fundamental para que o indivíduo seja capaz de se encontrar no estágio de realização e, conseqüentemente, de projetar o seu futuro – e pertença – sentimento que vai garantir segurança nas decisões tomadas.

No entanto, consoante o estado de identidade, nem sempre os indivíduos são capazes de experienciar as características acima mencionadas. Erikson, consagrado na literatura psicológica como o primeiro autor a analisar em profundidade o fenômeno, procura analisar e distinguir as diferentes formas de aquisição de identidade, através da presença ou ausência de dois termos essenciais: exploração - sistemático questionamento na tomada de decisões, após um desenvolvimento prévio de recolha de informação - e investimento – capacidade de adoção de comportamentos e atitudes socialmente apropriados que influenciem e originem a concretização de escolhas que o indivíduo toma em relação ao seu futuro.

Adicionalmente, e ainda dentro da atividade de exploração, o autor evidencia a existência de três comportamentos distintos adotados pelos indivíduos, nomeadamente: a ausência de exploração, onde este não sente a necessidade de tomar decisões, ou pelo facto destas terem sido definidas por outras pessoas ou porque as aceitou sem questionar; o durante a exploração, onde o indivíduo se encontra na fase onde coloca em prática o verdadeiro sentido de exploração, uma vez que sente necessidade de interrogar e ponderar as dimensões subjacentes à sua identidade para que, dessa forma, possa tomar decisões; e o após exploração, onde o indivíduo, através da projeção que faz acerca de um conjunto de papéis sociais que pretende desempenhar, apresenta um sentido de direção para o futuro.

Baseando-se nesta perspetiva de Erikson e partindo destes dois construtos, surge Marcia (1994), que depois de questionar os adolescentes relativamente à sua escolha profissional, religião e ideologia política, propõe quatro estados distintos que os indivíduos podem assumir perante a tarefa da identidade, nomeadamente execução, moratória, difusão e construção.

		Realização de investimentos	
		Alto	Baixo
Período de exploração	Alto	Estado de construção	Estado de moratória
	Baixo	Estado de execução	Estado de difusão

Figura 1: Estados de Identidade, Elaboração Própria baseada em Marcia (1994)

Na fase da execução, o adolescente evita questionar e fazer escolhas autónomas, não existindo indícios de exploração anterior ou atual. O investimento verificado é, normalmente, fruto de metas impostas pelos seus pais ou figuras de autoridade, as quais este segue e concorda sem tentar ter as suas próprias escolhas. Assim, é perceptível a falta de esforço deste em criar uma imagem independente, ao mesmo tempo que evidencia um certo medo em assumir responsabilidades.

Relativamente à fase da moratória, é vista frequentemente, como o resultado de uma deliberação por parte do jovem em se afastar de pressões a que se encontra sujeito, procurando explorar ativamente um conjunto de opções e alternativas. Aqui os compromettimentos são menosprezados, para que se consiga, anteriormente a estabelecê-los, preparar-se convenientemente. O indivíduo encontra-se, assim, numa crise de identidade, em que cria espaço para explorar e testar-se a si próprio, bem como à realidade que o rodeia. Já no estado de difusão, o agente encontra-se com a sua vida suspensa, sem uma direção ou essência própria, já que existem poucos (se existirem) compromissos e investimentos, e onde a ênfase está na relatividade e em viver o momento. Nesta fase, todas as questões levantadas são deixadas por resolver ou são imediatamente abandonadas, após a sua exploração.

Por fim, quando chega ao estado de construção, o jovem já se encontra capaz de tomar as suas próprias escolhas e de segui-las, conseguindo, dessa forma, ultrapassar crises sentidas e, ao invés disso, encontrar envolvimento e comprometimento nas decisões tomadas. Trata-se, assim, da última fase da formação da identidade, onde já foram realizados investimentos que permitam ao indivíduo apresentar um “eu” consolidado.

Baseando-se na teoria de Marcia (1994) e, conseqüentemente, na teoria da formação de identidade proposta por Erikson's (1968), Adam & Marshall (1996) discutem sobre a natureza da autoconsciência, referindo que:

“A identidade é uma construção socio-psicológica que reflete influências sociais através de processos de imitação e identificação e auto-construção ativa na criação do que é importante para si próprio e para os outros. Os aspectos auto-constitutivos da identidade são baseados em operações cognitivas (ou ego) que organizam, estruturam e constroem/reconstruem o conhecimento do eu”. (p. 433)

Apoiando-se nesta ordem de pensamentos, os autores propõem a divisão dos estatutos de identidade em duas categorias: uma identidade passiva, correlacionada com os estados de identidade de difusão e execução propostos por Marcia (1994) e baseada na identificação e imitação, ignorando e evitando a tomada de decisões individuais, em prol de convenções sociais externas; e uma identidade ativa, caracterizada pelo aumento da complexidade face aos auto-sistemas externos, e associada aos estados de construção e moratória, uma vez que se encontra intimamente ligada à construção e exploração interna de sistemas psicológicos auto-reguladores que dirigem e guiam o comportamento.

Erikson (1968) formulou que a identidade é a tarefa central de desenvolvimento da adolescência e as suas resoluções estabelecem a estrutura sociocognitiva da individualidade. Adams & Marshall (1996) propuseram que as funções de identidade diferem entre indivíduos que têm níveis ativos de formação da identidade auto-construída e sujeitos que têm estatutos menos complexos e passivos. Propõem identidade como sendo *“um sistema auto-regulador que funciona para dirigir a atenção, filtrar ou processar informação, gerir impressões, e selecionar comportamentos apropriados”* (p. 433) e referem que existem 5 funções dentro desta, as quais fornecem: a estrutura para compreender quem se é; o significado e direção através de compromissos, valores e objetivos; um sentido de controlo pessoal e livre arbítrio; consistência, coerência e harmonia entre valores, crenças e compromissos; e a capacidade de reconhecer potencial sob a forma de possibilidades futuras e escolhas alternativas.

À primeira vista, a auto-reflexão do indivíduo parece ser condição única para o processo da sua construção identitária, uma vez que a auto-reflexão cria um sentido de si mesmo e permite responder à questão “Quem sou eu?”. No entanto, McCall & Simmons,

(1966) defendem que a construção da identidade se trata de um fenômeno sociológico, uma vez que integra o processo de auto-reflexão do sujeito, mas acrescenta a identidade como construída socialmente através da interação – ainda que com um importante grau de incerteza subjacente a essa interação social. Alterações situacionais, comportamentos inesperados ou mudanças na qualidade da relação podem trazer a necessidade de renegociar a identidade. Os parceiros de interação, por exemplo, podem chegar à conclusão de que as suas identidades já não se adequam às suas necessidades (Schlenker, 1984). Desse ponto de vista, a identidade não é vista como fixa, dado que se encontra constantemente a ser inventada e reinventada à medida que as relações e os contextos mudam (Gergen, 1991).

Assim, McCall & Simmons (1966) defendem que o processo de construção da identidade pode ser descrito por quatro fases distintas: validação, estabilização, crise e percepção. A primeira fase que surge é a da validação, onde os indivíduos se acomodam uns aos outros, explicitam as suas expectativas, reivindicam, testam e revêm as suas identidades, construindo, dessa forma, um contrato interpessoal que define a sua identidade situada. Na fase seguinte, a da estabilização, as identidades construídas tornam-se cada vez mais aceites, as impressões instalam-se, a necessidade de auto-apresentação diminui, já que a identidade se encontra mais sólida, fazendo com que os sujeitos confiem mais no seu “eu”, sem pensarem em o ajustar constantemente. Contudo, face a importantes relações ou mudanças situacionais, segue-se a fase da crise, onde o contrato interpessoal perde a sua viabilidade e há necessidade de renegociação. Esta fase funciona como um ponto de partida para um novo processo de construção de identidade, caso o indivíduo tenha a capacidade de perceber que se encontra num conflito de identidade. Caso tal seja captado, então este entra na última fase, denominada de fase de percepção.

2.2. O Indivíduo e a Construção de Carreira

2.2.1. Carreira: Abordagem Clássica

Abundante no conjunto de conceitos bem como na multiplicidade de contributos na tentativa de a explicar, a definição de carreira era inicialmente delimitada às fronteiras organizacionais e assentada numa abordagem de carreira profissional enquanto percurso previamente traçado pela entidade, referindo-se apenas aos indivíduos que se enquadrassem nessas fronteiras e colocando de parte todos os restantes cuja atividade profissional se desviasse desse padrão, não reconhecendo a sua trajetória, nomeadamente os empreendedores, profissionais liberais ou agentes com uma alargada e transversal experiência. Assim sendo, Ribeiro (2009) defende que as construções do percurso de trabalho podem ser divididas em dois grupos, nomeadamente o denominado de “carreira”, caracterizado por uma estrutura estabelecida, associada às instituições laborais - já que são estas que dão legitimidade social -, às quais os indivíduos se devem adaptar para estabilizar o seu percurso; e o de “não carreira”, por estar associada ao mundo laboral como um todo, não conferindo legitimidade.

Considerando as constantes mudanças no ambiente, verificamos que tem existido um progresso quanto à propensão dos cidadãos em conduzir o seu percurso, reinvestindo neste ao longo do tempo, o que torna inevitável a influência da sua vida pessoal, sendo, portanto, cada vez mais fulcral perceber o entendimento que tem relativamente à ideia de carreira profissional. Assim, o conceito deve não só considerar as suas experiências, mas também a dimensão extralaboral, na qual se inclui a dinâmica familiar. Face a esta ideia, uma possível definição é a apresentada por Eaton & Bailyn (2000) em que carreira surge como *“uma série de iniciativas e adaptações ao trabalho, à família e à comunidade, e que se transforma não apenas com as mudanças nos interesses e competências individuais, ou com as características e exigências do contexto de trabalho, mas também com as experiências de vida do próprio indivíduo e de todos aqueles que são centrais no seu espaço de vida”*. (p. 192)

Debruçada na inserção desta dimensão encontra-se a abordagem de Sonnenfeld & Kotter (1982), autores que destacam quatro etapas na maturação de carreira: a abordagem da estratificação social, a dos traços de personalidade, a dos estádios de carreira e a do ciclo de vida.

A **abordagem da estratificação social**, desenvolvida a partir do final do século XIX e inícios do século XX e relacionada com a emergência da sociologia, contribuiu para descobrir as determinantes externas da mobilidade social, consagrando a classe social como o fator externo mais importante para a prossecução de uma dada profissão. Por outras palavras, nota a existência de uma forte relação, imutável e estática, entre o cargo laboral das figuras parentais, a educação e o estatuto ocupacional atingido pelo indivíduo, considerando que as crianças geralmente escolhem profissões semelhantes às dos seus pais.

A **abordagem dos traços de personalidade**, levada a cabo a partir de 1920, destaca a relevância de fatores ou disposições intrínsecas ao indivíduo na escolha do seu percurso, acreditando que diferentes personalidades ambicionam diferentes ambientes vocacionais. Este pensamento tem sido levado a cabo, em grande medida, por Holland (1973), que defende que as pessoas na cultura ocidental podem ser classificadas em seis tipos de personalidade vocacional e, conseqüentemente, em seis tipos de ambiente, nomeadamente o realístico, o investigador, o artístico, o social, o empreendedor e o convencional, conforme se observa na figura 2. Dentro destes, os indivíduos procuram aqueles que lhes permitam fazer uso das suas competências, expressar as suas opiniões e enfrentar problemas e tarefas profissionais estimulantes, fazendo-se acompanhar e rodear por indivíduos do mesmo tipo.

Estilos Pessoais	Temas	Exemplo de ambientes ocupacionais
Carência em termos de perícias sociais; Preferência por tarefas concretas; Pode parecer franco, materialista e inflexível; Possui engenho para a mecânica	Realista	Canalizador, electricista, operador de máquinas, mecânico de aviões, fotógrafo, desenhista
Orientado para a tarefa; Interesse pela matemática e ciência; Pode ser descrito como reservado, independente, analista e intelectual; Transmite liderança para outros	Investigativo	Químico, físico, matemático, técnico de laboratório, programador de computadores, especialista em eletrónica
Expressa-se através das artes; Pode ser descrito como imaginativo, introspetivo e independente; Valoriza a estética	Artístico	Escultor, artista, designer, músico, professor de artes, líder de orquestra, editor, escritor, crítico
Preferência pela interação social; Exibe uma boa capacidade de comunicação e uma preocupação com os problemas sociais; É orientado para o serviço à comunidade, tendo interesse em atividades educacionais	Social	Professor, trabalhador em prol da sociedade, sociologista, psicólogo, enfermeiro
Preferência por papéis de líder; Descrito como dominador, ambicioso e persuasivo; Boas capacidades de comunicação	Empreendedor	Gestão de pessoas ou produção, cargos de chefia, bem como variadas posições de venda
Pode ser descrito como prático, bem controlado, sociável e um pouco conservador; Prefere tarefas estruturadas	Convencional	Administrativo, rececionista, gestor de crédito

Figura 2: Tipos de Personalidade e Ambientes Vocacionais: Elaboração própria, baseada em Holland (1985)

A **abordagem dos estádios de carreira**, que surge a partir dos anos 50, tenta sintetizar as contribuições dadas pela economia, psiquiatria, sociologia e psicologia, e argumenta que a carreira se trata de um processo que tem como base a evolução individual, representada pelas aspirações, capacidades e interesses que o indivíduo tem sobre si, os quais vão mudando ao longo do tempo, em consequência do aumento da maturidade, da alteração das suas preocupações e do surgimento de novas prioridades. Assim, os comportamentos de carreira assumem um caráter dinâmico, fruto de um conjunto de decisões tomadas ao longo da vida e não como resultado de uma escolha estática e única. A evolução vocacional anda lado a lado com a evolução individual, já que a carreira surge como uma síntese do autoconceito do indivíduo, ao nível da representação que tem de si mesmo e dos seus objetivos; e do contexto, em termos de oportunidades e experiências profissionais resultantes da conciliação entre autoconceito e função desempenhada. Baseia-se num processo sequencial de estádios, entre os quais exploração, estabelecimento, manutenção e separação.

A **abordagem do ciclo de vida**, apresentada como a última fase da maturação do conceito de carreira, surge nos anos 70 e procura oferecer uma ótica ainda mais dinâmica que as anteriores, tentando englobar todas as fases de vida do indivíduo e não apenas a fase inicial da sua carreira vocacional; e mais global, já que procura analisar os vários domínios da vida de um indivíduo, nomeadamente o laboral, o familiar e o pessoal e o impacto que os diferentes estádios ao longo da vida têm em todas essas vertentes, já que considera que para compreender o percurso profissional dos indivíduos, é inseparável e indispensável a junção destas várias dimensões. O Modelo do Desenvolvimento Adulto proposto por Levinson & colaboradores (Levinson et al., 1978) é um exemplo pertinente e seguidor desta abordagem, colocando a estrutura de vida dos indivíduos como central, desde a sua ocupação profissional, às relações familiares e de amizade que estabelecem e as interações, escolhas e consequências que advêm de cada uma dessas componentes. Assim sendo, os autores apresentam um modelo constituído por dez períodos em que a vida pessoal vai evoluindo, transitando de fases estáveis para fases de transição: transição para o início da vida adulta, entrada na vida adulta, transição dos trinta anos, consolidação da vida adulta, transição para a meia-idade, entrada na meia-idade, transição dos cinquenta anos, culminar da meia-idade, transição para a idade avançada e idade avançada.

De forma sucinta, é possível verificar que com o evoluir das abordagens, o indivíduo foi ganhando um papel de intervenção cada vez mais preponderante, passando de um ser reativo

para um ser ativo (Duarte, 2006) e o conceito de carreira foi aprofundado com a necessidade de exploração de fatores subjetivos, tornando-se cada vez mais idiossincrático.

No seguimento deste conceito, e por serem considerados os modelos conceptuais mais relevantes do domínio do desenvolvimento de carreira, são apresentados, em seguida, a Teoria do Ajustamento à Carreira de Crites (1969) e o Modelo de Adaptabilidade à Carreira de Savickas (1997; 2002).

A Teoria do Ajustamento à Carreira de Crites retrata as seis dimensões passíveis de um indivíduo se encontrar, após iniciar uma função profissional, e os ajustamentos que terão de ser efetuados quando o estado de espírito retrata um cenário de insatisfação ou insucesso profissional.

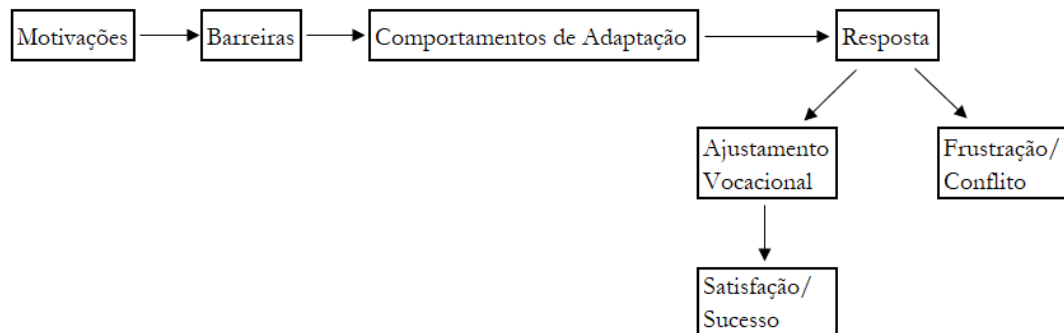


Figura 3: Teoria do Ajustamento à Carreira: Elaboração Própria baseada em Crites (1969), p. 355

A primeira dimensão, nomeadamente, a de motivação, encontra-se intimamente relacionada com o estímulo sentido pelo indivíduo em direcionar as suas atuações em torno de garantir o cumprimento do seu objetivo de carreira, estímulos esses relacionados com reconhecimento, estatuto profissional e prestígio. Assim, se o sujeito conseguir colocar em prática comportamentos que lhe permitam atingir sucesso e satisfação laboral, então não há lugar a ajustamentos. Porém, é recorrente o levantamento de situações ameaçadoras à livre atuação que dificultam ou, até mesmo, impossibilitam o indivíduo de levar a cabo a prossecução dos seus objetivos, através das estratégias que tinha delineado. Quando tal acontece, este vê as suas oportunidades ameaçadas, gerando em si, sensação de frustração e tensão emocional que só serão superáveis se desenvolvidos comportamentos de adaptação adequados. O indivíduo deverá recorrer a este conjunto de mecanismos em resposta aos sentimentos destrutivos experienciados por si, conseguindo, dessa forma, diminuir os cenários geradores de stress e, conseqüentemente, levar a um reajustamento pessoal.

O autor Crites (1969), partindo dos estudos de Shaffer & Shoben (1956), propõe quatro comportamentos passíveis de originar reajustamento pessoal, nomeadamente a conduta de aquiescência, que passa por uma atuação onde o indivíduo exerce um baixo nível de esforço na resolução do problema, o que origina, conseqüentemente, uma acomodação face à circunstância e um abandono da realização de uma ação construtiva no sentido de se reajustar; uma atitude de controlo ou manipulação do fator causador do conflito, cujo o objetivo é fazer com que este deixe de ser um problema; uma prática de compromisso pessoal ou com a organização, construindo uma estratégia para derrubar a barreira; ou através de um sentimento de integração, onde se denota um esforço em conjugar o conjunto de fatores conflituosos, refletindo-se, posteriormente, na resolução de incompatibilidades.

Após a colocação em prática da(s) estratégia(s) que considera mais adequadas em resposta à situação na qual se encontra, desencadeia-se o resultado à problemática, o qual pode ser eficaz, nos casos em que o problema é resolvido e que se dá um ajustamento vocacional, gerando sobre o sujeito uma reação positiva de satisfação e concretização; ou, pelo contrário, ineficaz, onde a estratégia definida não permitiu ultrapassar o problema identificado e, desse modo, refletiu-se num desajustamento vocacional, onde o cidadão se sente frustrado. Segundo Crites (1969), a satisfação vocacional é vista como a reação do colaborador à sua situação profissional, e o sucesso como a aproximação ou afastamento da concretização dos objetivos definidos para a sua carreira.

Ainda sobre o domínio do desenvolvimento de carreira, surge um indispensável estudo realizado por Mark Savickas, designado por Modelo de Adaptabilidade à Carreira de Savickas. Partindo dos estudos desenvolvidos por Donald Super, os quais defendem que a ideia de carreira decorrer de uma sequência de fases de desenvolvimento, Savickas (1997) vem reforçar esse pensamento, substituindo a ideia de carreira como uma sequência ordenada de papéis previsíveis que cada indivíduo vai tomando ao longo da sua vida, em função do grau de maturidade em que se encontra e fatores externos que o sujeito não consegue controlar; e passa antes a defender a carreira como resultado da responsabilidade assumida pelo sujeito nesse autoconceito vocacional – construção essa baseada na importância pessoal atribuída às vivências pessoais, profissionais, educativas e sociais experienciadas, pelo que a conceção de carreira passa a estar associada a fatores internos, que o indivíduo controla e que modifica, de forma a favorecer a adaptabilidade a um mundo em permanente mutação, cooperando para a manutenção de forças de trabalho produtivas e lucrativamente

empregáveis (Hartung, Porfeli & Vondracek, 2008). Citando palavras do autor, carreira é vista como *“uma construção subjetiva que impõe significado pessoal às memórias passadas, experiências presentes e aspirações futuras, ao tecê-las num tema de vida que traduz num padrão a vida profissional de um indivíduo”* (Savickas, 2005, p. 43).

Esta concepção de adaptabilidade de carreira subjacente ao pensamento de Savickas é, originalmente, encontrado na teoria de Super, nomeadamente na fase de crescimento, caracterizada pela preocupação com o futuro, pela aquisição de hábitos de trabalho eficientes, pelo crescente controlo pessoal e pela crença na realização educativa. Para estes autores, adaptabilidade de carreira encontra-se relacionado com *“informações que são consideradas necessárias para lidar prontamente com as mudanças verificadas no trabalho e com as condições de trabalho, as atitudes e as competências individuais, a importância das ações que o sujeito desenvolve na interação com o meio, e os aspetos dinâmicos das tarefas na carreira”* (Super, Thompson & Lindeman, 1988, p. 45).

Savickas (2002) apresenta um estudo estruturado em três níveis, incorporando em cada um destes um conjunto de recursos e mecanismos de *coping* - mecanismos cognitivos e comportamentais, utilizados para fazer face a exigências vocacionais e de crescimento, construção e gestão da carreira, onde a capacidade de utilização dos recursos individuais disponíveis e assimilados ao longo da vida não são considerados suficientes.

Começando pelo nível mais abstrato, são apresentadas quatro dimensões de adaptabilidade, nomeadamente preocupação, controlo, curiosidade e confiança, as quais se ligam por traduzirem recursos utilizados pelos indivíduos na construção e adaptação profissional. O autor defende que a carreira se trata de um processo de desenvolvimento contínuo, sendo a sua posição presente fruto do seu percurso profissional passado e influenciadora da sua situação vocacional futura, pelo que o indivíduo deve adotar um comportamento de preocupação, no sentido de se dedicar no desenvolvimento de *skills* e envolver-se num plano integrado de ação. Além da preocupação, o autor defende também que o sujeito deve dispor de um sentido de autonomia, independência e controlo na construção da sua carreira, uma vez que a crença de que é capaz de gerir eficazmente o seu percurso, irá levá-lo a interessar-se e envolver-se de uma forma mais plena em ações de desenvolvimento, fomentadoras de boas tomadas de decisão – ao contrário do que irá acontecer caso este acredite que não possui qualquer controlo sobre a sua vocação, pois confiará que investimentos efetuados por si serão em vão.

Ainda dentro do nível mais abstrato, Savickas sugere que comportamentos de exploração são um mecanismo de resposta individual a problemas de tomada de decisão, pelo que defende a dimensão de curiosidade como um recurso de adaptabilidade à carreira. Assim, a procura permanente pelo conhecimento e a exploração contínua a si próprio – ao nível de aptidões, interesses e estilo de vida - e ao mundo – ao nível de oportunidades laborais e pesquisas de mercado -, irão ajudá-lo a recolher um conjunto de informações essenciais para uma tomada de decisão realista e eficiente e a uma adequada adaptação do perfil pessoal ao perfil vocacional. Finalmente, o último nível que aborda é o da confiança, entendendo-se por esta dimensão, a convicção do indivíduo de que, com a posse das competências necessárias, é capaz de combater e ultrapassar obstáculos que surgem pelo caminho, gerando sobre si sentimentos de ânimo e audácia. Assim sendo, e de forma sucinta, Savickas (2004) defende que indivíduos mais adaptáveis manifestam orientação para o futuro, detêm maior controlo pessoal do seu percurso, curiosidade na exploração de cenários e novas possibilidades de futuro e possuem confiança para alcançar os seus objetivos.

O segundo nível apresenta um conjunto de três variáveis, entre as quais atitudes, crenças e competências que funcionam como mecanismos de modelação dos comportamentos de *coping*, tais como comportamentos de planeamento, decisão, questionamento e eficácia. O terceiro e último nível, caracterizado como sendo o nível mais concreto, está associado aos comportamentos vocacionais, como planeamento, tomada de decisão, exploração e resolução de problemas, que conduzem ao desenvolvimento e construção de carreira (Savickas, 2005). Assim, enquanto o segundo nível se encontra associado a mecanismos de índole afetivo, o terceiro relaciona-se mais com a índole cognitiva.

De forma a tornar o seu estudo mais completo, o autor decide ir um pouco mais além, explorando duas etapas adicionais que surgem em consequência da ausência de uma determinada dimensão de adaptabilidade à carreira. Segundo Savickas, quando o primeiro nível falha em alguma das suas dimensões, surgem problemas de carreira, tais como sentimentos de indiferença, inibição e indecisão. Em consequência, analisa as possíveis soluções para a resolução destes estados de espírito, considerando que estas passam por exercícios de orientação e tomada de decisão, bem como por atividades de procura de informação relevante e de uma postura positiva face à concretização dos seus objetivos.

2.2.2. Carreira: Abordagem Emergente

A expansão dos mercados globais, os avanços tecnológicos, as mudanças económicas e a alta densidade demográfica geraram alterações em paradigmas antigos. A maior competitividade dos mercados impulsionou novas procuras para as organizações que, na adaptação às novas exigências, foram modificando as suas estruturas, métodos de trabalho e relacionamento com os colaboradores. Consequentemente a essas alterações na abordagem vocacional e, tendo consciência que a carreira é influenciada por aspetos sociais, culturais e económicos, ocorreram também mudanças significativas na forma como os indivíduos se relacionam com as organizações e como encaram o desenvolvimento da sua própria carreira.

Assim, esta consolidação da gestão de carreira como um tema pertinente para a gestão, aliada às constantes preocupações de desenvolvimento da temática levou a uma nova vaga de modelos e abordagens explicativas de carreira, apresentando-se, de seguida, duas das teorias com maior pertinência, nomeadamente o conceito de carreira inteligente e de carreira proteana que, apesar de apresentarem pontos distintos, têm por base a mesma ideia – a ideia de que o sujeito comanda a sua carreira e a organização funciona como um instrumento de ajuda a este aprender novas competências para utilizar ao longo do seu percurso profissional.

Um dos conceitos emergentes que surge no final do século XX foi o de carreira inteligente, o qual tinha subjacente a defesa de que as organizações tinham, não só, de fornecer aos seus colaboradores o conjunto de recursos necessários ao eficaz desempenho das suas funções, mas também de estimular a evolução de um conjunto de competências transversais entre tarefas, funções e organizações (Quinn, 1992, cit. em Arthur et al., 1995). Neste sentido, DeFillippi & Arthur (1994) defendem que esta denominação de “inteligente” prende-se com a responsabilidade que os sujeitos assumem em investir num conjunto de competências centrais, cruciais para o aumento do seu valor de mercado e, por conseguinte, as chances de empregabilidade, uma vez que não subordinam a ideia de carreira a uma única organização.

Assim, Arthur et al. (1995) sugere que as pessoas invistam nas suas carreiras através de três “formas de saber”, nomeadamente saber porquê (*know why*), saber como (*know how*) e saber quem (*know whom*):

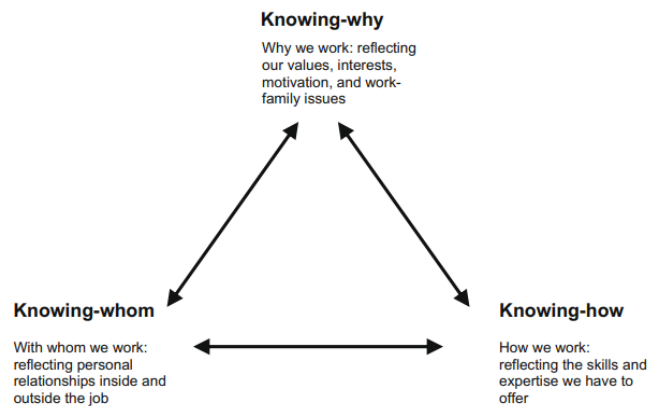


Figura 4: A Carreira Inteligente: Interação Entre as Três Formas de Saber, retirado do *Journal of Vocational Behavior* 75 (2009), p. 293

- i. Saber porquê (*know why*) – os investimentos realizados refletem a capacidade de um indivíduo analisar a concordância entre a cultura empresarial e a sua identidade pessoal. Assim, quando este se questiona relativamente ao porquê de trabalhar, deve examinar até que ponto os seus valores, a sua identidade e os seus interesses vão de encontro à cultura organizacional da sua entidade patronal, de modo que lhe garanta um sentido de propósito e direção no trabalho. Incorpora, igualmente, o impacto que aspetos de vida não laborais como a família e a comunidade têm no compromisso e adaptação às escolhas de carreira.
- ii. Saber como (*know how*) - os investimentos realizados refletem a capacidade de avaliação da influência que o indivíduo tem para a organização, analisando, para tal, o impacto para a empresa do conjunto de competências e conhecimentos formais e informais – como os conhecimentos tácitos que emergem da experiência laboral -, que detém. Os indivíduos podem ter ou desejar desenvolver um conjunto mais amplo de *skills*, além das exigidas pelo trabalho atual, expandindo, dessa forma, as oportunidades de carreira. Assim, o desempenho no trabalho é visto como base em competências técnicas e transversais, sendo a aquisição deste *know-how* moldado pelo próprio indivíduo em consequência do seu esforço de aprendizagem.
- iii. Saber quem (*know whom*) – os investimentos realizados refletem a capacidade de identificação das pessoas vistas como alicerces nos processos de tomada de decisão e desenvolvimento de relacionamentos interpessoais, uma vez que formam uma rede de apoio e estímulo ao desenvolvimento profissional. Dentro dessas relações, encontram-se não só o conjunto de ligações empresariais como fornecedores, clientes, empresas internas, mas também contactos pessoais ou mais amplos como

amigos, família e conhecidos sociais, sempre que, de alguma forma, melhorem a carreira do indivíduo através de apoio ou acesso a informação.

As três áreas de competências individuais de uma carreira inteligente devem ser vistas de forma integrada, uma vez que interagem na construção das competências individuais. A motivação de alguém para trabalhar numa organização em particular (*know why*) influenciará o desenvolvimento de competências e conhecimentos pertinentes da área laboral (*know how*), ao mesmo tempo que trabalhar ao lado de outros indivíduos afetará as relações interpessoais (*know whom*), relações essas que podem fornecer ajuda e acesso a informação relevante. Assim, as interconexões entre as três formas de saber, são continuamente desenvolvidas ao longo da carreira do indivíduo, aproveitando-se as forças numa das áreas para evoluir nas restantes.

Passados dois anos, Jones & DeFillippi (1996) consideraram pertinente alargar e, consequentemente, enriquecer, a noção de carreira inteligente, adicionando-lhe três competências, nomeadamente o saber o quê (*know what*) – capacidade que o indivíduo tem para conseguir identificar possíveis oportunidades e ameaças na organização em que se encontra inserido, bem como os recursos e exigências da mesma -, o saber onde (*know where*) – capacidade que o indivíduo tem para reconhecer as organizações que irão potenciar em si uma progressão de carreira mais notória, através de um maior número de oportunidades de desenvolvimento profissional, a nível de promoções, formações ou qualquer outro instrumento potenciador de aumento de competências - e o saber quando (*know when*) – capacidade do indivíduo em perceber os momentos mais adequados para assumir mudanças, tais como novas responsabilidades ou cargos laborais. De forma sucinta, Dutra, Veloso, Fischer, & Nakata (2009), referem que “*quanto maior o domínio do indivíduo sobre estes seis tipos distintos de competência, mais elevado será o seu capital de carreira*”. (p. 60)

Outra conceção de carreira construída com base nos novos paradigmas e com uma visão antagónica às teorias mais tradicionais, foi exposta e desenvolvida por Hall (1976; 2004), através do conceito de carreira proteana – cujo nome se dá em analogia à figura mitológica de Proteu, Deus do Mar, o qual possuía um poder que o distinguia dos demais deuses, nomeadamente a capacidade de se metamorfosear, isto é, de mudar a sua aparência pela sua própria vontade e consoante os seus desejos, permitindo-lhe, desta forma, escapar dos inimigos. Através desta metáfora, o autor pretende fazer alusão a uma carreira que se vai adaptando e modificando em consonância com as mudanças de vida do indivíduo, podendo,

assim, assumir várias formas distintas. O objetivo de carreira, segundo o autor, está no construto individual, que transborda os limites institucionais e se foca nos planos e decisões do indivíduo, ao contrário do que acontecia na carreira tradicional, cujo foco era a organização. Nesta perspectiva, a satisfação pessoal é a principal orientação de motivação, tendo o sujeito a autonomia e liberdade de adaptar o seu percurso em busca de oportunidades de crescimento. O sucesso passa a ser visto como um sucesso psicológico, uma vez que tem subjacente, em grande medida, critérios subjetivos, ao invés do que se via até então, onde o sucesso era medido por recompensas organizacionais como a posição hierárquica ocupada e o salário auferido (critérios objetivos).

A principal característica e alteração na carreira proteana é, então, o contrato psicológico que o sujeito faz consigo mesmo, em oposição ao contrato entre organizações e pessoas existente nos modelos tradicionais. A partir dos novos paradigmas de carreira, o contrato de trabalho passa de relacional para um contrato transacional. Assim antes *“com promessas implícitas de estabilidade e segurança, modifica-se para um contrato no qual as expectativas das pessoas e organizações são explicitamente declaradas e, são estabelecidas para o curto prazo”* (Hall; Moss, 1998, p. 24). O propósito passa por fazer escolhas pessoais e procurar a auto-realização, isto é, procurar que o indivíduo esteja convicto de que a carreira que se encontra a desenvolver se encontra em conformidade com os seus valores pessoais; os objetivos da organização, embora presentes, não são prioridade para o sujeito.

O autor destaca quatro ideias de carreira, nomeadamente a de carreira enquanto: progressão profissional – associada a promoções sequenciais que resultam em mobilidade ascendente na organização -; ocupação profissional – traduzida numa ascensão natural ligada a estatutos/ordens, como é o caso de médicos e advogados -; sequência de diferentes funções desempenhadas – conexas à acumulação de experiências no decorrer do percurso profissional – e dimensão subjetiva, relacionada com o modo como o indivíduo percebe os diferentes percursos que segue e o impacto que tem nas aspirações pessoais e ocupacionais.

Regra	Carreira Proteana	Carreira Tradicional
Quem está no comando?	Pessoa	Organização
Valores fundamentais	Crescimento da liberdade	Progresso
Grau de mobilidade	Alto	Baixo
Critério para o sucesso	Sucesso psicológico	Nível salarial
Atitudes chave	Elogio à satisfação no trabalho	Elogio organizacional

Figura 5: Carreira Proteana versus Carreira Tradicional: Elaboração Própria baseada em Hall (2004)

2.3. A Influência da Família na Formação do Indivíduo

Se, classicamente, “ser adulto” era visto como a prática de uma atividade profissional aliada à constituição de uma família, as mudanças sociais atuais acarretam novos contornos, já que surge um prolongamento dos estudos e uma forte instabilidade profissional que origina dificuldades à inserção dos jovens no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que a emancipação residencial em relação à família parental tende a ocorrer mais tardiamente. Tal repercute-se em desafios ao modo como os jovens vivem a transição entre a adolescência e a vida adulta e o olhar e a construção que fazem relativamente à sua identidade, carreira e autonomia nas decisões tomadas.

Um dos pontos alvo de maior pertinência na literatura no que concerne a estas novas configurações está relacionado com os investimentos prolongados dos indivíduos na formação académica, resultado de uma melhoria generalizada das condições de vida e modificação progressiva dos padrões culturais do país, sendo os jovens incentivados no investimento das suas carreiras, cada vez mais diversificadas. No entanto, para que tal aconteça, o suporte parental, tanto a nível financeiro como emocional, é hoje em dia mais premente, dado que mesmo quando a adolescência chega ao fim, isso não traz consigo uma diminuição da participação dos pais e das suas responsabilidades. Em consequência, tal pode levar a uma maior aproximação entre pais e filhos, estabelecendo um relacionamento de maior reciprocidade e respeito mútuo e, procurando, em alguns casos, os jovens, uma maior aprovação e encorajamento parental para a tomada de decisões e soluções de problemas (Singly, 1997, 2002).

Assim, as escolhas dos jovens dependem, do próprio *self*, mas também de um conjunto de variáveis “externas” que vão influenciar as suas escolhas e, até mesmo, a construção da sua identidade, da qual se destaca a influência familiar. Dentro dessa intervenção, um dos pontos a salientar é o nível socioeconómico das famílias, o qual tem, frequentemente, uma repercussão nas decisões e no sucesso académico alcançado. Detry & Cardoso (1996) vêm corroborar esta ideia afirmando que a variável socioeconómica tem um peso significativo no acesso aos recursos educativos e na participação em atividades extracurriculares e influencia a construção das competências e crenças acerca do futuro académico e profissional. Assim sendo, ambientes mais desfavoráveis têm uma forte interferência – mas não absoluta - no que concerne às decisões dos estudantes, pelo maior número de condicionalismos no acesso ao contexto universitário, bem como à maior

prontidão destes indivíduos a valorizarem mais um futuro ligado ao trabalho, ao invés do que se depara em jovens com níveis socioeconómicos mais favoráveis, os quais prezam o prolongamento dos estudos, como perspectiva de uma formação e carreira complexa e sólida (Detry & Cardoso, 1996; Nurmi, 1991).

Para além do nível socioeconómico, existem outros indicadores que ajudam a direcionar as nossas orientações num determinado sentido. Por exemplo, segundo Wigfield & Eccles (2002), as aspirações que as figuras parentais têm quanto ao nível académico que o filho pode atingir fazem com que as expectativas dos adolescentes sejam indissociadas e influenciadas pelas expectativas dos pais e de crenças relacionadas com a realização, inclusive objetivos, autoestima e autoeficácia. Um estudo realizado por Neuenschwander et al. (2007) vem sustentar esta visão, dado que conclui que expectativas altas dos pais supõem um desempenho mais elevado dos filhos, uma vez que ajudam a manter altos níveis de autoconceito da capacidade do estudante (e vice-versa).

Adicionalmente, o comportamento e personalidade evidenciada pelos parentes no convívio com os seus descendentes também é apontada por alguns autores como potenciadores de maior realização e sucesso académico. Assim, no que respeita à dimensão comportamental, Nogueira et al. (2009) defende que o acompanhamento e participação dos pais nas atividades escolares relaciona-se com a melhoria do desempenho do estudante, com a diminuição do abandono escolar e o aumento do ingresso universitário. Intensificando este pensamento, Eccles (1993) refere que pais que expõem os filhos a atividades estimulantes como a leitura e a participação em atividades extracurriculares potenciam o desenvolvimento do jovem e a procura por prossecução de objetivos. Ao nível da personalidade, Neuenschwander & Garrett (2008) vêm acrescentar que o interesse e apoio que os pais manifestam pelo sucesso académico dos filhos constitui a base para que estes procurem a realização de escolhas educativas de qualidade, ao mesmo tempo que ajuda à superação de dificuldades em ordem à construção de uma identidade sólida e consistente.

No entanto, se muitas das vezes, os progenitores tentam influenciar os filhos a seguir os caminhos que estes próprios idealizavam para si ou perspetivavam para os seus descendentes, também procuram, em muitas outras, persuadir as decisões dos jovens pela semelhança com as suas próprias. Assim, Jean Piaget, um dos maiores investigadores do século XX, explica que muitos adolescentes optam por seguir caminhos já traçados pelos pais, dado que os mesmos mostram vontade em que os filhos “sigam as suas pisadas”,

prossequindo as suas profissões – nas situações em que a mesma é associada a um caso de sucesso – ou, também é visível em oposição, a indução ao não seguimento de determinadas trajetórias por visualizarem, por experiência dos progenitores, os traços negativos decorrentes dessa profissão, como por exemplo, *stress*, falta de tempo ou dinheiro.

Um estudo recente realizado por Anna J. Egalite, no artigo “*How Family Background Influences Student Achievement*”, aprofunda alguns dos pontos anteriormente mencionados como influenciadores do desempenho estudantil, como o rendimento, mas também enriquece a pesquisa com novas variáveis de análise, entre elas a educação e estrutura familiar. No que respeita ao rendimento, menciona que o mesmo pode ter um impacto direto nos resultados académicos, uma vez que pais com maiores recursos financeiros podem apostar em escolas de melhor qualidade, da mesma forma que podem garantir aos filhos a acessibilidade a uma ampla variedade de atividades extracurriculares enriquecedoras para o mesmo, a nível cognitivo e social. A educação dos pais também é apontada como um fator preponderante, dado que a autora sugere que pais com níveis de escolaridade mais elevados têm maior propensão a considerar a qualidade da instituição de ensino, bem como a procurar direcionar as escolhas dos filhos nos caminhos que consideram ter um valor acrescentado mais significativo.

Com o aumento da complexidade e diversidade no que concerne às estruturas familiares, o maior contributo desta pesquisa é em perceber as implicações de o adolescente apresentar uma família biparental ou monoparental, com pais biológicos ou adotivos, no seu bem-estar e sucesso. Assim, a autora considera que famílias biparentais têm atributos que afetam o desempenho educacional e profissional e a saúde mental mais significativos, dando evidência que a ausência de um dos membros poderá surtir efeitos negativos, como por exemplo, comportamentos anti-sociais. Aprofundando esta variável da estrutura familiar sob os resultados escolares surge, na investigação empírica, McLanahan & Sandefur (1994), que menciona que as crianças que crescem em famílias monoparentais têm, em geral, uma menor escolaridade do que as que vivenciam famílias biparentais.

Um inquérito realizado, em 2005, às famílias em Portugal, por Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira, retira conclusões adicionais quanto ao agregado familiar, mas desta vez, numa perspetiva de o jovem ser ou não filho único. As conclusões a que chegaram evidenciam que filhos únicos apresentam, em grande parte das vezes, melhores resultados escolares do que alunos que têm irmãos. Por outro lado, ficou comprovado que o nível de

escolaridade da mãe exerce uma influência mais significativa, percebendo que, quanto mais elevadas forem as qualificações da figura feminina, mais elevados são os níveis de sucesso dos filhos, o que poderá estar relacionado com o facto de serem, maioritariamente, estas as envolvidas no apoio aos trabalhos escolares.

Ainda sobre este ponto, destaca-se a maior fragilidade por parte das famílias monoparentais em potenciar uma vida de qualidade aos filhos, uma vez que um progenitor sozinho tem menor probabilidade de beneficiar de suporte social, uma maior probabilidade de passar por dificuldades económicas e acontecimentos de vida agitados e por acumular funções que, numa família dita tradicional, são partilhadas pelos elementos do casal (Cain & Combs-Orme, 2005), o que terá, conseqüentemente, repercussões na formação de identidade do indivíduo e na própria percepção que o jovem tem sobre o conceito de família, bem como impacta as oportunidades no seu percurso, visto que o empobrecimento das condições monetárias, poderão exercer uma menor disponibilidade e escolha de ingresso no ambiente universitário.

A fim de aprofundar o raciocínio subjacente a grande parte da investigação sobre a influência parental nas escolhas vocacionais das crianças, é ainda importante examinar uma das principais teorias, nomeadamente a Teoria da Escolha e Desenvolvimento de Carreira, apresentada por Anne Roe (1957). Utilizando a Hierarquia de Necessidades de Maslow como suporte essencial para o seu estudo, a autora propõe que a escolha profissional dos indivíduos está diretamente relacionada com o desenvolvimento precoce e o tipo de relação pai-filho que se forma. Assim, afirma que crianças cujas necessidades se encontram satisfeitas em tenra idade, não procuram em adulto satisfazer tais necessidades através da sua carreira; pelo contrário, quaisquer necessidades não satisfeitas serão influenciadoras na escolha de carreira (Seligman, 1994). Além disso, a autora sugere que a forma como os pais se relacionam com os seus filhos tem um impacto direto na orientação de vocação optada por este. Assim sendo, para Roe, os fatores que influenciam a escolha de uma futura carreira resultam:

- Da concentração emocional dos pais, nomeadamente ao nível da superproteção – encorajamento da dependência e restrição do comportamento exploratório do indivíduo – e do excesso de exigência – imposição da perfeição de desempenho e instituição de uma formação severa, com o objetivo de originar elevados rendimentos escolar e profissional;

- Da evasão no sujeito - rejeição emocional intencional - ou da negligência, onde a carência de afeto não é tida como intencional e, portanto, surte um efeito psicológico menos prejudicial;
- Do clima de afeto, isto é, se o adolescente se encontra inserido num clima familiar frio ou se, pelo contrário, se apresenta numa família onde prima o clima amoroso.

Com base nestes estilos, Roe (1957) refere que adolescentes oriundos de lares que experienciam estilos de aceitação amorosa, superproteção e excesso de exigência, são indivíduos orientados para os outros, optando, nas suas carreiras, por percursos que colocam um forte ênfase na interação com pessoas, tais como contacto comercial, organizações sociais, cultura, artes ou entretenimento; pelo contrário, sujeitos expostos a estilos parentais que rejeitam ou negligenciam e cujo clima familiar é frio, tendem a preferir trabalhar sozinhos, ao invés de em equipa, pelo que estão mais orientados para interesses científicos e tecnológicos, tal como se pode verificar pela figura 6.

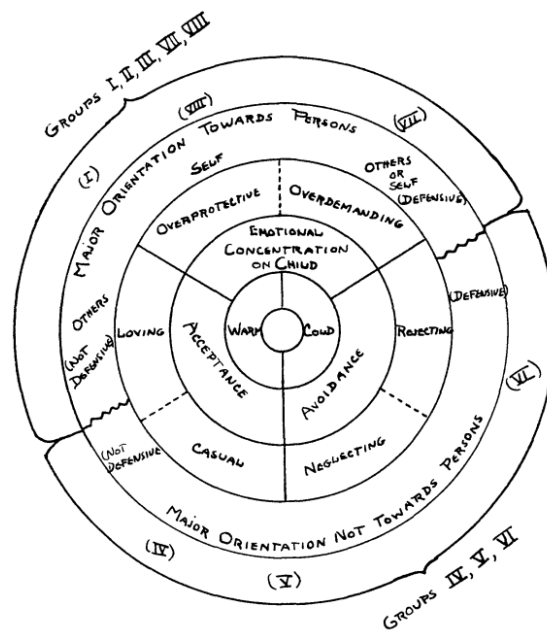


Figura 6: Teoria da Escolha e Desenvolvimento de Carreira: Roe (1957)

Da análise às teorias anteriormente referidas, é possível verificar que dentro dos diversos contextos onde ocorre o desenvolvimento vocacional, a família mostra-se como um fator de destaque nas escolhas dos adolescentes, uma vez que são protagonistas na fase de construção de identidade do indivíduo e funcionam como a estrutura fundamental para a integração psicossocial do sujeito, bem como das relações que este estabelecerá consigo mesmo e com os outros (Gonçalves & Coimbra, 2003).

Resumidamente, a construção identitária assume uma complementaridade do passado com o futuro do indivíduo, na medida em que liga vivências passadas à expectativa de um futuro promissor. O seu desenvolvimento prossegue de uma fase em que o sujeito explora, questiona e reconsidera escolhas, a uma fase de comprometimento e consolidação de objetivos, em que a necessidade de apoio emocional das figuras parentais se torna menos evidente.

De um conjunto alargado de autores que concentram os seus estudos na formação da identidade do indivíduo, mostra-se especialmente relevante para o estudo em causa, o pensamento de Marcia (1994), baseado na teoria da formação de identidade proposta por Erikson's (1968). A literatura distingue quatro fases de identidade, nomeadamente a fase da execução, moratória, difusão e construção, onde o nível de autonomia e envolvimento nas escolhas individuais, bem como a consolidação do “eu” se torna, progressivamente, mais explícito.

Também o conceito de carreira foi sendo alvo de alterações de pensamento, tendo o indivíduo ganho um papel de intervenção cada vez mais preponderante e a exploração de fatores subjetivos ganho relevo. Subjacente à abordagem tradicional, destaca-se Sonnenfeld & Kotter (1982), com as suas quatro etapas de maturação de carreira: a abordagem da estratificação social – que nota a existência de uma forte relação entre o cargo laboral das figuras parentais, a educação e o estatuto ocupacional atingido pelo indivíduo -, a dos traços de personalidade – que sugere que diferentes personalidades ambicionam diferentes ambientes vocacionais -, a dos estádios de carreira – a qual considera que a carreira tem por base a evolução individual, representada pelas aspirações e interesses que vão mudando ao longo do tempo – e a do ciclo de vida – que defende que para compreender o percurso profissional dos indivíduos é necessário analisar o domínio laboral, familiar e pessoal de cada um e o impacto que os diferentes estádios ao longo da vida têm nessas vertentes.

Com o avançar da tecnologia, as mudanças económicas e a expansão e competitividade dos mercados, surge a abordagem emergente, com a ideia de que o sujeito comanda a sua carreira e a organização funciona como um instrumento de ajuda à aprendizagem de competências para utilizar ao longo do seu percurso profissional. Focamos a nossa atenção para duas teorias, nomeadamente a de carreira inteligente, proposta por Arthur et al. (1995) – a qual sugeria que as pessoas investissem nas suas carreiras através de diferentes “formas de saber”, tendo a organização o dever de fornecer aos colaboradores, o

conjunto de recursos necessários ao desempenho das suas funções, mas também de estimular a evolução de competências, transversais entre funções e organizações – e a de carreira proteana – cujo foco se encontra na adaptação de carreira às mudanças de vida do indivíduo, caracterizando-se, essencialmente, pelo contrato psicológico que o sujeito faz consigo mesmo.

Além do próprio *self*, muitos são os autores que defendem que as trajetórias vocacionais dos jovens dependem do seu contexto familiar. As principais teorias constataam que um indivíduo que seja oriundo de um contexto familiar onde se verifique estabilidade emocional, oportunidades privilegiadas no acesso à educação e pertença a classes sociais altas, têm percursos de carreira diferenciados de jovens provenientes de famílias disfuncionais e classes sociais menos favoráveis. Ao mesmo tempo, os níveis de educação e qualificação profissional dos progenitores afetam o sucesso profissional do indivíduo pelas expectativas que estes criam pelo contexto em que se encontram inseridos e pelos valores que lhes são passados, já que pais com nível sociocultural mais elevado são mais propensos a inculcar o sentido de competitividade, autonomia e assertividade nos seus filhos, ao invés de sujeitos com níveis mais baixos, onde as mensagens transmitidas pelos seus parentes veiculam mais rapidamente o abandono precoce da formação, pelos constrangimentos económicos e sociais implícitos (O'Brien, Friedman, Tripton & Linn, 2000).

A Teoria da Escolha e Desenvolvimento de Carreira, apresentada por Anne Roe (1957), à qual foi dado especial ênfase, refere que adolescentes oriundos de ambientes familiares afetuosos e com elevados níveis de superproteção e exigência, são indivíduos orientados para os outros, optando por percursos profissionais com um forte ênfase na interação com pessoas; pelo contrário, os sujeitos caracterizados pela preferência em trabalhar sozinhos, orientados para vocações mais tecnológicas e científicas, são fruto de climas familiares mais frios, que rejeitam ou negligenciam emocionalmente o indivíduo.

3. Estudo Empírico – A Influência da Família nas Escolhas Individuais

A disponibilidade limitada de recursos é, muitas vezes, a principal dificuldade inerente ao trabalho de investigação, razão que leva o investigador a limitar o seu universo de estudo a uma amostra, a qual deve ser pensada e estudada em detalhe de forma a traduzir uma imagem completa da população (Hill & Hill, 2002). Apesar desta limitação, a investigação desempenha um papel crucial já que se trata de um instrumento através do qual o problema proposto é viabilizado, a fim de que os objetivos traçados possam ser atingidos.

Este capítulo encontra-se estruturado em três partes, sendo a primeira constituída por uma breve apresentação dos principais aspetos da metodologia escolhida para esta investigação – a metodologia mista -, referindo os benefícios que concede a este estudo. Numa segunda parte, procede-se a uma breve caracterização dos participantes, efetuando um enquadramento dos mesmos a nível de género, idade, composição do agregado familiar, nacionalidade, área científica e experiência profissional. Finalmente a terceira parte, designada de “Análise e Interpretação dos Resultados”, é caracterizada pela apresentação das correlações encontradas e principais conclusões do estudo.

3.1. Metodologia: Procedimento e Recolha dos Dados

A escolha da metodologia adotada representa uma decisão crucial para o propósito do estudo. Tendo presente que estratégias metodológicas inconsistentes podem colocar em causa o rigor do trabalho científico, gerando desvios nos dados e conclusões de pesquisa significativos, elegemos, como a opção mais adequada para sustentar e enriquecer o trabalho realizado, bem como potenciar o desenvolvimento de conclusões, recorrer a uma metodologia mista, iniciando, por uma metodologia quantitativa, em que o objetivo é explorar, através das tendências encontradas, as variáveis que têm um maior peso na temática, bem como as principais discrepâncias entre as duas faculdades (análise estatística simples); e, numa segunda fase, uma abordagem qualitativa, direcionada para a obtenção de dados primários, através de questionários, a qual nos irá proporcionar densidade e profundidade na compreensão da ação humana. Importante notar que a escolha da metodologia mista recai na crença que, quer a metodologia quantitativa quer a qualitativa, têm propriedades únicas no sentido da interpretação de determinada realidade. No entanto, para o propósito deste estudo, consideramos que a investigação qualitativa tem uma especial importância e, portanto, merecedora de uma análise mais extensa nesta investigação, na medida em que considera que a ação humana tem sempre um significado subjacente, o qual poderá não ser totalmente apreendido do ponto de vista quantitativo/objetivo. Assim, procura-se ir além da quantificação de opiniões ou pessoas, explorando a mente dos indivíduos, captando significados para as suas diferentes perspetivas sobre as questões efetuadas e percebendo os motivos que dão sentido às suas aspirações.

Como forma de sustentar e enriquecer a revisão bibliográfica presente no capítulo anterior, a qual constitui o enquadramento fundamental para o estudo empírico, procedeu-se à elaboração de um questionário (Anexo I). A técnica de amostragem utilizada foi a amostra de conveniência – que, ainda que não seja o tipo de amostragem mais rigoroso, revela um bom enquadramento em estudos qualitativos -, uma vez que o questionário foi divulgado em duas faculdades da Universidade do Porto, nomeadamente na Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP) e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A razão subjacente à escolha destas instituições de ensino encontra-se relacionada com a discrepância aferida em termos de proximidade ao mercado de trabalho, encontrando-se a FLUP numa situação em que, de um modo geral, o mercado fica consideravelmente mais longínquo.

A divulgação do questionário foi efetuada de duas formas distintas, nomeadamente através do *email* institucional U. Porto, onde os inquiridos tiveram a possibilidade de participar na investigação via questionário *online*; e da presença em algumas aulas, de ambas as faculdades, onde os estudantes efetuaram o preenchimento do inquérito de forma presencial.

Com o objetivo de dar resposta à questão de partida: “Em que medida é que o fator de proximidade ao mercado e a influência familiar determinam as escolhas de formação académica?”, o questionário, intitulado de “O Impacto do Seio Familiar no Percurso Académico e Profissional” foi composto por 26 perguntas, essencialmente de carácter fechado com opções alternativas, por forma a permitir uma resposta célere, ao mesmo tempo que permite um tratamento eficaz da informação recolhida. O questionário contém uma introdução com uma breve explicação sobre o tema de dissertação, o respetivo agradecimento aos participantes pela sua colaboração, bem como uma certificação da confidencialidade na recolha e tratamento dos dados (Anexo I). Após a introdução, o mesmo encontra-se dividido em 5 secções: Dados biográficos, Formação de identidade do indivíduo, Formação e perspectiva de carreira do indivíduo, Relação do estudante com o seu seio familiar e Influência da família na vida do indivíduo.

A primeira secção tem como propósito recolher os dados pessoais do estudante, no que concerne às suas características sociodemográficas e profissionais, contendo 8 questões, ao nível de variáveis como género, idade, composição do agregado familiar, nacionalidade, faculdade, curso em que está inserido e experiência profissional. Relativamente à variável “género”, os inquiridos podiam optar pelo Feminino e Masculino, ou ainda pela opção “Prefiro não responder”, caso não se sentissem confortáveis em ceder essa informação; quanto à composição do agregado familiar, os participantes podiam escolher entre as alternativas discriminadas: mãe e pai; mãe, pai e irmão(s); mãe e irmão(s); pai e irmão(s); mãe; pai; ou outra opção, caso as anteriores não se enquadem na que melhor se adequa ao mesmo. Quanto à nacionalidade, foram dadas apenas duas opções, nomeadamente “Portuguesa” e “Outra opção”, assim como à questão da faculdade em que estão matriculados, que dado o estudo ser apenas entre a Faculdade de Economia da Universidade do Porto e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, eram estas as duas alternativas possíveis. No que concerne à idade e ao curso em que se encontra inserido, foi solicitado ao estudante que, através de resposta aberta, indicasse os mesmos. Foram ainda tidas em conta, para a caracterização do indivíduo, a questão da sua experiência profissional, encontrando-se as

possibilidades de resposta divididas da seguinte forma: Trabalhador-estudante, Part-time de verão, Part-time ocasional, Estágio profissional, Estágio curricular, Não tenho experiência profissional ou outra opção, dando a oportunidade ao inquirido de responder mais adequadamente à questão efetuada. Para os estudantes que já tinham contactado com o mercado de trabalho, era realizada uma questão adicional, nomeadamente a forma como essa experiência foi obtida – se através de um familiar, de um amigo, por iniciativa própria ou por outra opção que não as anteriores.

A segunda secção do questionário, intitulada de “Formação de Identidade do Indivíduo”, inicia-se como uma questão que procura identificar a fase de formação de identidade em que o indivíduo se encontra, com o objetivo de compreender a sua perspetiva quanto à exploração e realização de investimentos em torno de si. Assim, procurou-se que o sujeito optasse pela alternativa em que melhor se enquadra, entre as seguintes: “Evito fazer escolhas autónomas, seguindo e concordando com as metas impostas ou idealizadas pelos meus familiares”, “Uma vez que não me sinto comprometido com algo, procuro afastar-me de pressões e criar o meu próprio espaço para explorar e testar a realidade que me rodeia”, “Sinto que a minha vida se encontra suspensa, sem uma essência ou direção própria, sentindo que tenho poucos ou nenhuns compromissos e apenas vivo o momento” e “Encontro-me capaz de tomar as minhas próprias escolhas e segui-las, estando envolvido e comprometido nessas decisões”. Ainda em torno desta temática, surge a segunda questão que completa esta secção, a qual procura perceber a forma como o estudante se vê a si mesmo, solicitando a sua opinião, numa escala de 1 - Discordo totalmente - a 5 - Concordo totalmente -, relativamente às próximas afirmações: “Sinto-me satisfeito com o que sou e assumo uma atitude positiva em relação a mim próprio”, “Quando tenho uma opinião diferente de outra pessoa, não deixo de apresentar os meus argumentos”, “Lido bem com as coisas que não consigo alterar na minha vida”, “Estou satisfeito com o modo e a forma como os meus planos de vida se estão a concretizar”, “Tenho uma personalidade formada” e “A opinião dos outros influencia a forma como vejo as coisas”.

Na terceira secção do questionário, denominada de “Formação e Perspetiva de Carreira do Indivíduo”, foram elaboradas questões sobre as escolhas académicas dos participantes e a perspetiva que estes têm sobre a construção das suas carreiras. Assim, começamos por apresentar uma questão de resposta aberta, nomeadamente “Em que altura da vida é que percebeu qual o caminho académico que pretendia seguir?”, seguida de “Quais as principais razões para a escolha do seu curso?”, apresentando um conjunto de opções de

escolha, entre as quais saídas profissionais, perspectivas salariais futuras, gosto pessoal e influência familiar – ou pelo facto de existirem pessoas próximas que enveredaram pelo mesmo caminho ou dado que era a profissão que pessoas próximas desejavam ter seguido. Além destas, foram ainda efetuadas quatro indagações, cujo objetivo era colocar o estudante a pensar sobre o enquadramento que a sua escolha académica tem sobre o seu futuro, bem como as suas prioridades aquando da escolha profissional. Foram, então, colocadas duas questões de resposta aberta, de forma a priorizar a reflexão do participante, nomeadamente “Como se imagina daqui a 5 anos a nível profissional?” e “Qual o rendimento bruto que perspectiva auferir no início da sua carreira profissional? E passado 2 anos de experiência? E passado 4?”; e duas questões de carácter fechado, especificamente “O percurso académico que seguiu está enquadrado com o que pretende fazer no futuro?”, onde as opções de resposta passavam apenas por “Sim” ou “Não” e “O que o leva a aceitar uma proposta de emprego”, tendo o estudante que enumerar as alternativas – salário, relação entre colegas, proximidade geográfica, ter familiares ou amigos que trabalham ou já trabalharam na entidade, função desempenhada e reconhecimento da entidade no mercado - por ordem crescente de importância.

Na quarta secção do questionário, apelidada de “Relação do Estudante com o Seio Familiar” pretendeu-se explorar a possível relação entre as habilitações académicas e profissionais do seio familiar com as escolhas do indivíduo, bem como compreender o tipo de relação que estabelecem enquanto família. Para tal, a secção começou por perguntar o grau de escolaridade dos membros do agregado familiar, cujas alternativas englobavam todos os ciclos de estudo, adicionada de uma indagação relativamente à profissão desempenhada pelos mesmos (resposta aberta). Em seguida, dispoño de uma escala entre 1 e 5, em que 1 representava “Nunca” e 5 “Sempre”, questionou-se o indivíduo quanto à regularidade de vezes que a sua família: o apoia quando pretende começar uma nova atividade extracurricular; o incentiva no aumento da cultura geral e no ingresso à universidade; aborda consigo temas da atualidade; tenta que as decisões em casa sejam tomadas em conjunto; e mantém uma relação próxima e afetiva com o mesmo.

A quinta e última secção, a principal do questionário, centra-se na influência da família no percurso do estudante. São colocadas questões com o objetivo de explorar o impacto que a mesma teve sobre as escolhas individuais, colocando o participante a refletir sobre o caminho que teria seguido por opção própria - nos casos em que o mesmo admite ter sido influenciado na sua decisão -; e à existência - ou não - de algum membro do seu

agregado que exerça uma profissão idêntica ou que detenha alguma empresa relacionada com o percurso que está a seguir. Nos casos em que o estudante responde afirmativamente a esta questão, procura-se perceber, adicionalmente, se este perspectiva seguir o seu percurso profissional nessa mesma entidade. Além destas questões, questionou-se, através de uma escala crescente de influência (de 1 a 5), em que medida é que sente que as suas decisões são influenciadas pela opinião dos seus familiares, bem como qual considera ser a pessoa que exerce uma maior influência sobre si.

Para finalizar, pede-se ao inquirido que dê a sua opinião (apenas afirmando se concorda, discorda ou se não tem uma opinião formada) em relação a quatro afirmações, três das quais abordadas na revisão de literatura presente no capítulo anterior, nomeadamente:

- A variável socioeconómica tem um peso significativo no acesso aos recursos educativos e influencia a construção das competências e crenças acerca do futuro académico e profissional;
- Os estudantes que seguem a carreira dos pais têm um caminho facilitado no ingresso ao mercado laboral face aos que não se encontram nessas circunstâncias;
- As desigualdades no acesso ao percurso académico e profissional tornam-se mais evidentes com a situação pandémica vivida atualmente;
- Os estudantes que se encontram numa família monoparental têm uma menor facilidade no ingresso ao ambiente universitário.

3.2. Caraterização dos Participantes

Tal como referido anteriormente, foi intenção do estudo que os participantes correspondessem a um padrão que, embora amplo, foi inicialmente definido e deve ser respeitado. Assim, a população em análise, alvo dos questionários disponibilizados via *web* ou de forma presencial, tinham como condição básica ser estudantes da Faculdade de Economia da Universidade do Porto ou da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP), criada no ano de 1953, é considerada hoje uma das referências no ensino e investigação nas áreas de Economia, Gestão e Finanças, encontrando-se no topo de variados rankings nacionais e internacionais. Conta, no presente ano, com um total de 3.331 alunos, distribuídos da seguinte forma: 1.799 estudantes no ciclo de estudos conducente ao grau de licenciado, 1.424 ao grau de mestre e 108 ao grau de doutorado.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), fundada em 1919, é uma escola de ensino superior universitário vocacionada para o ensino, para a investigação e para a criação cultural nas áreas das Ciências Sociais e Humanas, da Filosofia, das Línguas e das Humanidades em geral. Conta com um total de 4.015 alunos inscritos no ano letivo de 2021/2022, repartidos por 13 licenciaturas (2.588 estudantes), 26 mestrados (1.078 estudantes) e 8 doutoramentos (349 estudantes).

Em conjunto com docentes de ambas as faculdades, o questionário foi distribuído, por algumas turmas, nomeadamente do Mestrado de Contabilidade e Controlo de Gestão, da Licenciatura em Sociologia e da Licenciatura em Filosofia. Após a recolha dos mesmos, foi enviado, via *online*, um questionário para a restante comunidade estudantil destas duas faculdades, tendo o mesmo sido preenchido por variados cursos, totalizando um conjunto de 130 respostas. A tabela 1 apresenta algumas das caraterísticas da amostra.

		Em termos gerais:		FEP		FLUP	
		N	%	N	%	N	%
Género	Feminino	79	61%	46	58%	33	42%
	Masculino	51	39%	25	49%	26	51%
Idade	18-20 Anos	30	23%	5	17%	25	83%
	21-23 Anos	57	44%	38	67%	19	33%
	24-26 Anos	26	20%	18	69%	8	31%
	27-29 Anos	7	5%	4	57%	3	43%
	> 30 Anos	10	8%	6	60%	4	40%
Nacionalidade	Portuguesa	127	98%	70	55%	57	45%
	Andorrana	1	1%	0	0%	1	100%
	Brasileira	2	2%	1	50%	1	50%

Tabela 1: Dados Demográficos

Do total de 130 respostas obtidas, verificamos que a amostra inclui 79 entrevistados do sexo feminino (61%) e 51 do sexo masculino (39%). Encontrando-se todos os participantes ingressados no ensino superior, era de prever que os intervalos de idades cujo número de pessoas fosse mais significativa se concentrasse entre os 21-23 anos (com aproximadamente 44% dos estudantes) e os 18-20 anos (com cerca de 23% da amostra nesta faixa etária). No que concerne à nacionalidade, apenas existe evidência de 3 participantes estrangeiros, nomeadamente dois de nacionalidade brasileira e um de nacionalidade andorrana.

Os restantes dados de caracterização da amostra foram adicionados, na sua maioria, sob a forma de gráfico para facilitar a sua leitura e posterior análise. Assim, no que respeita à composição do agregado familiar, verificamos que 40% do total da amostra – 52 inquiridos em termos absolutos – coabitam com os seus progenitores e irmão(s). De seguida, com 28% do total de respostas, surgem os estudantes cujo agregado é composto apenas pelas suas figuras parentais (mãe e pai), e com 12% os casos em que o indivíduo partilha o seu meio com a sua figura maternal e o(s) seu(s) irmão(s). Essas e as restantes composições familiares dos inquiridos podem ser consultadas no gráfico abaixo.

Composição do Agregado Familiar

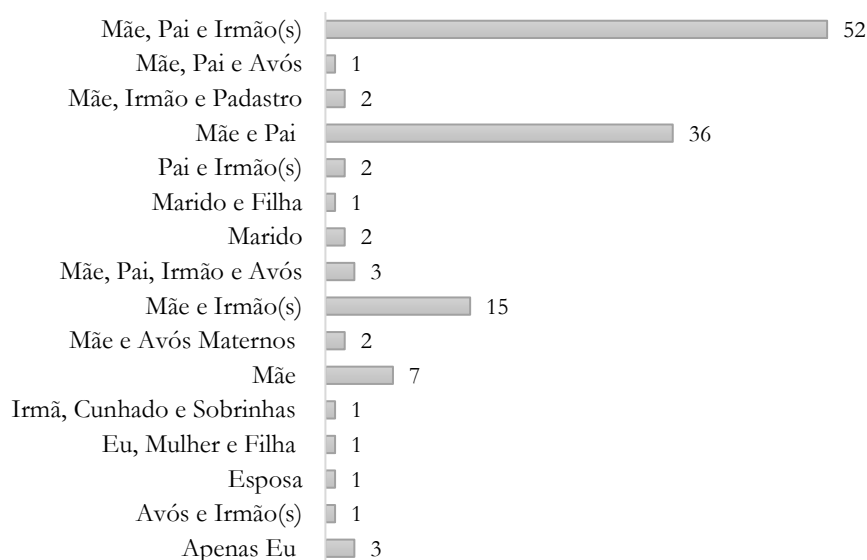


Gráfico 1: Composição do Agregado Familiar

A nível de número de participantes da amostra que se encontram matriculados em cada uma das faculdades, procurou-se que fosse o mais semelhante possível, tendo sido

indagados 71 estudantes da FEP e 59 da FLUP, correspondente, em termos relativos, a 55% e 45% do total, respetivamente.

Foi igualmente preocupação da investigação aceder a percursos académicos distintos, pelo que houve o cuidado de indagar sujeitos provenientes de formações diversificadas, bem como de diferentes ciclos de estudos. Assim sendo, encontram-se incluídos na amostra 24 cursos, bem como estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento. O maior número de inquiridos encontra-se matriculado na licenciatura em Sociologia - 26 estudantes -, seguido do mestrado em Finanças e Fiscalidade - 23 estudantes - e do mestrado em Economia e Administração de Empresas - 18 estudantes. Foram ainda conseguidas 11 respostas da licenciatura em Filosofia, 8 da licenciatura em Gestão, 7 da licenciatura em Economia e 6 da licenciatura em Línguas e Relações Internacionais. Para os restantes cursos que não se encontram aqui discriminados, foram conseguidos entre 1 e 4 resultados.

Além das características acima descritas, torna-se igualmente importante perceber a proporção de estudantes que já teve – ou tem – contacto direto com o mercado de trabalho, dado o papel importante que tal tomará na sua perceção sobre os pontos a refletir e opinar ao longo do questionário. Verifica-se uma amostra muito diversificada em termos de experiência profissional, o que já por si só é algo enriquecedor, pois permitirá pontos de vista distintos. Através da tabela 2, é possível destacar que as duas opções mais votadas são, ao mesmo tempo, as mais discrepantes entre si. Assim, se por um lado, 49 dos inquiridos dizem ser trabalhadores-estudantes, contactando, portanto, no seu quotidiano com o mercado laboral, por outro lado, temos 35 dos participantes a referir nunca ter tido qualquer tipo de experiência profissional. Além destes pontos extremos, salientamos o facto de 28 sujeitos referirem já ter experienciado um part-time de verão e 21 um part-time ocasional, podendo, dessa forma, constatar que uma boa parte da amostra, ainda que estudante, já conseguiu ter algum contacto com o mundo profissional.

		Total	FEP	FLUP
		N	N	N
Experiência Profissional	Trabalhador-estudante	49	32	17
	Part-Time de verão	28	12	16
	Part-Time ocasional	21	10	11
	Estágio profissional	11	9	2
	Estágio curricular	5	5	0
	Estágio de verão	2	2	0
	Elemento executivo de uma Junta de Freguesia	1	0	1
	Full Time de 2 anos entre 12º ano e universidade	1	0	1
	Não tenho experiência profissional	35	15	20

Tabela 2: Experiência Profissional

Em torno da questão anterior, surge uma outra cujo intuito é perceber de que forma os estudantes obtiveram essas oportunidades laborais, cujo objetivo é a possibilidade de aí retirarmos algum tipo de conclusões relativamente aos meios que utilizam para conseguir as primeiras experiências profissionais. Dessa forma, e apenas introduzindo para a análise, os indivíduos que admitem já ter contactado com o mercado de trabalho, verifica-se que 65% refere ter obtido a oportunidade por iniciativa própria, 25% menciona que o conseguiu através de um amigo e 5% através de um familiar, conforme mostra o gráfico 2.

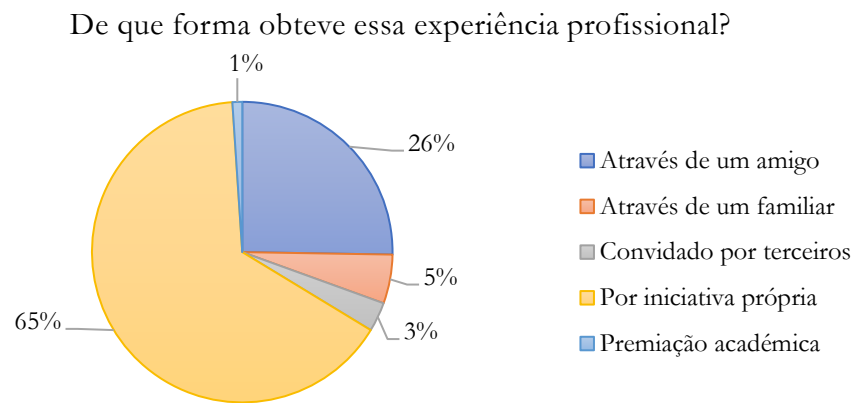


Gráfico 2: Diferentes Formas de Obtenção da Experiência Profissional

3.3. Análise e Interpretação dos Resultados

A análise dos resultados é uma das mais desafiantes etapas, uma vez que permite a obtenção das respostas a que nos propusemos aquando do início da investigação. Assim sendo, esta fase surge imediatamente após a recolha dos dados, pois é dela que se vão extrair as respostas-chave que possibilitarão a chegada a conclusões do estudo.

3.3.1. Abordagem Quantitativa: Análise Estatística Simples

Com o objetivo de explorar, através das tendências encontradas, as variáveis que têm um maior peso na temática, decidiu-se efetuar, anteriormente à análise e interpretação dos resultados oriundos do questionário, uma análise exploratória e descritiva dos dados.

Serão analisados um conjunto de indicadores, nomeadamente a expectativa de rendimento bruto a auferir, o grau de escolaridade dos progenitores e a influência das opiniões familiares na tomada de decisão individual, os quais se encontram presentes no questionário e que constituem uma importância considerável para a investigação. Na tabela 3 apresentam-se estatísticas descritivas das variáveis em estudo, nomeadamente a média, desvio padrão, mediana, mínimo e máximo das respostas apresentadas.

Analisando as estatísticas, pode-se constatar que a variável do rendimento bruto a auferir regista uma amplitude de resposta considerável e, por consequência, um desvio padrão igualmente elevado, sendo ambos indicadores da dispersão presente nas respostas desta variável. Verifica-se que, à medida que os anos de experiência aumentam, as expectativas salariais tornam-se mais discrepantes e, desse modo, o desvio padrão encontra-se em constante crescimento. Em termos gerais, a expectativa de rendimento bruto no início da carreira oscila entre os 500 e os 2.000 Euros; após 2 anos de experiência, entre os 800 e os 2.500 Euros; e após 4 anos de experiência, entre os 900 e os 4.000 Euros, o que perfaz uma média de cerca de 1.070, 1.360 e 1.710 Euros, respetivamente. As médias gerais são alavancadas pelas expectativas dos inquiridos da FEP, uma vez que as médias associadas a esta faculdade encontram-se nos 1.140, 1.490 e 1.930 Euros, no início e após 2 e 4 anos de carreira, consideravelmente acima das expectativas dos estudantes da FLUP cujas expectativas rondam, em média, os 970, os 1.170 e os 1.400 Euros, respetivamente.

Quanto ao indicador do grau de escolaridade dos progenitores, damos nota, em primeira instância, para o facto de se ter assumido 15 anos de escolaridade para o grau de licenciado, 17 anos para o grau de mestre e 19 anos para o grau de doutorado, baseando-nos nestes números para a análise descritiva. Observa-se um conjunto alargado e diferenciado de

habilitações académicas, apresentando-se, como escolaridade mínima de ambos os progenitores e em ambas as faculdades, o 2º ciclo concluído, correspondente ao 6º ano de escolaridade, e como grau máximo, o 2º ciclo de estudos do ensino superior – grau de mestre – no caso das figuras maternas, em ambas as faculdades – e o 2º e 3º ciclo de estudos do ensino superior - grau de mestre e doutorado – no caso das figuras paternas dos alunos da FEP e da FLUP, respetivamente. A média geral, muito semelhante entre os dois progenitores, ronda os 10,8 anos de estudos no caso das mães e nos 10,9 anos no caso dos pais.

Relativamente à variável da influência familiar na tomada de decisão, foram registados os valores mínimos e máximos da escala (1: “Nada influenciado”- 5: “Totalmente influenciado”), no entanto, a média geral encontra-se nos 2,85 – em consequência da média de 3 registada na Faculdade de Economia e de 2,68 na Faculdade de Letras -, pelo que se conclui que, de um modo geral, os alunos da FEP sentem-se um pouco mais influenciados pelos seus progenitores comparativamente com os estudantes da FLUP.

Indicadores	Em termos gerais:					FEP					FLUP				
	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
1. Expectativa de rendimento bruto a auferir															
1.1. No início da carreira	1 074,11	271,22	1 000,00	500,00	2 000,00	1 144,05	266,93	1 100,00	500,00	1 800,00	970,00	245,27	900,00	700,00	2 000,00
1.2. Após 2 anos do início da carreira	1 362,50	372,57	1 300,00	800,00	2 500,00	1 490,30	345,78	1 500,00	800,00	2 400,00	1 172,22	330,04	1 000,00	800,00	2 500,00
1.3. Após 4 anos do início da carreira	1 713,17	588,26	1 600,00	900,00	4 000,00	1 925,00	593,76	1 800,00	1 000,00	4 000,00	1 397,78	417,24	1 200,00	900,00	3 000,00
2. Grau de escolaridade															
2.1. Da mãe	10,78	3,32	12,00	6,00	17,00	11,09	3,50	12,00	6,00	17,00	10,08	2,70	9,00	6,00	17,00
2.2. Do pai	10,87	3,63	12,00	6,00	19,00	10,68	3,68	12,00	6,00	17,00	10,68	3,21	12,00	6,00	19,00
3. Influência familiar na tomada de decisão	2,85	0,97	3,00	1,00	5,00	3,00	0,91	3,00	1,00	5,00	2,68	1,01	3,00	1,00	5,00

Tabela 3: Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

Foi igualmente calculada a média truncada - média recalculada após removidos os valores extremos superiores e inferiores em 5%, respetivamente - para o indicador com maior discrepância de realidade entre as duas faculdades, nomeadamente o da expectativa de rendimento bruto a auferir, conforme visível na tabela 4. Verifica-se que as médias são semelhantes, quer em termos gerais, quer em cada uma das faculdades, às visualizadas na tabela anterior, o que significa que os valores mais extremos não têm um peso muito significativo no cálculo da média. Constatam-se ainda que, com o aumento do número de anos de experiência laboral, o peso dos valores mais extremos torna-se mais evidente, o que se mostra concordante com a discrepância cada vez mais acentuada, à medida que se avança com a carreira profissional, tal como já tinha sido referido anteriormente.

Média Truncada	Em termos gerais:		
	FEP	FLUP	
1. Expectativa de rendimento bruto a auferir			
1.1. No início da carreira	1 070,91	1 133,59	971,25
1.2. Após 2 anos do início da carreira	1 348,11	1 472,66	1 158,33
1.3. Após 4 anos do início da carreira	1 674,53	1 906,05	1 372,09

Tabela 4: Média Truncada da Expectativa de Rendimento Bruto a Auferir

Dessa forma, e após esta análise, decidiu-se, para o indicador da expectativa de rendimento bruto a auferir, efetuar uma análise mais pormenorizada. Assim sendo, optou-se pela escolha de uma variável adicional - os cursos frequentados pelos participantes do questionário – a qual servirá de base de comparação com as respostas obtidas a nível de perspetiva salarial futura. A escolha deste indicador prende-se pela importância que o caminho académico seguido tem para o estudo em questão e por se tratar de um ponto de ligação entre a totalidade da amostra, já que, ainda que em trajetórias distintas, todos os inquiridos são estudantes. Damos ainda nota que excluímos da tabela abaixo – tabela 5 -, os cursos que apresentavam apenas uma resposta, pela impossibilidade de calcular as medidas presentes na tabela.

Posto isto, dos 8 cursos da FEP que surgem na amostra, o mestrado em Economia e Administração de Empresas é o que evidencia a média mais baixa – de 1.094,12 Euros -, no que respeita a expectativas salariais no início da carreira, ao mesmo tempo que é o curso que apresenta o desvio padrão mais alto, pela discrepância entre os valores mínimos e máximos que se concentram entre os 500 e os 1.700 Euros, respetivamente; em oposição, surge o mestrado em Modelação e Análise de Dados, com a média de entrada no mercado laboral mais alta – de 1.250 Euros. As perspetivas de remuneração oscilam em ritmos distintos de indivíduo para indivíduo, o que justifica os resultados obtidos relativamente às expectativas após 2 e 4 anos de experiência profissional, onde a média mais baixa, de cerca de 1.270 e 1.430 Euros, respetivamente, diz agora respeito ao mestrado em Contabilidade e Controlo de Gestão e a mais elevada, de aproximadamente 1.630 e 2.160 Euros à licenciatura em Gestão. Ainda assim, o mestrado em Economia e Administração de Empresas continua a registar o valor mínimo da FEP, nomeadamente de 800 Euros, após 2 anos de experiência e de 1.000 Euros, após 4 anos de experiência, sendo acompanhado neste último pelo mestrado em Contabilidade e Controlo de Gestão e pelo mestrado em Finanças e Fiscalidade.

Concentrando-nos, em seguida, nos 7 cursos que agregam a amostra da FLUP, é visível, em primeiro lugar, as expectativas consideravelmente mais reduzidas dos estudantes

desta faculdade quando comparados com os alunos da FEP, quer no início da carreira profissional, quer nos anos subsequentes. A licenciatura em Geografia é a que contempla, consecutivamente, a média mais baixa, estabelecida em 850 Euros no início da carreira profissional - apenas 145 Euros acima da retribuição mínima mensal garantida em Portugal, publicada no Decreto-Lei nº109-B/2021, com efeitos a partir de 1 de janeiro de 2022 -, em 1.075 Euros passados dois anos e em 1.300 Euros passados 4 anos. No extremo oposto, isto é, com as expectativas mais elevadas, encontra-se a licenciatura em História, cuja ideia é, numa fase inicial, auferir um salário médio de 1.170 Euros, salário esse que deverá subir em 400 Euros em 2 anos, já que a média é de 1.570 Euros, e em 660 Euros em 4 anos, com uma média estabelecida de 1.830 Euros. Apesar da licenciatura em Geografia apresentar, repetidamente, os valores médios mais baixos, é a licenciatura em Sociologia que apresenta o valor mínimo da amostra desta faculdade, com 700, 800 e 900 Euros de perspetiva salarial no início e após 2 e 4 anos de carreira, respetivamente. Da mesma forma, os salários mais elevados também não são registados pela licenciatura em História, mas sim pela licenciatura em Filosofia, tendo um inquirido considerado que o salário que perspetiva receber numa fase preliminar é de 2.000 Euros, aumentando, consecutivamente, em 500 Euros ao fim de 2 e 4 anos de experiência.

Curso Frequentado	Início da carreira					Após 2 anos do início da carreira					Após 4 anos do início da carreira				
	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Licenciatura em Economia	1 221,43	234,27	1 200,00	900,00	1 600,00	1 585,71	302,37	1 500,00	1 200,00	2 000,00	2 000,00	483,05	1 900,00	1 500,00	2 800,00
Licenciatura em Gestão	1 212,50	188,51	1 200,00	900,00	1 500,00	1 625,00	406,20	1 550,00	1 100,00	2 400,00	2 162,50	761,46	2 000,00	1 300,00	3 800,00
Mestrado em Contabilidade e Controlo de Gestão	1 100,00	173,21	1 000,00	1 000,00	1 300,00	1 266,67	378,59	1 100,00	1 000,00	1 700,00	1 433,33	513,16	1 300,00	1 000,00	2 000,00
Mestrado em Economia e Administração de Empresas	1 094,12	366,95	1 050,00	500,00	1 700,00	1 376,47	352,72	1 300,00	800,00	1 900,00	1 635,29	365,62	1 500,00	1 000,00	2 200,00
Mestrado em Finanças	1 100,00	141,42	1 100,00	1 000,00	1 200,00	1 550,00	70,71	1 550,00	1 500,00	1 600,00	1 937,50	88,39	1 937,50	1 875,00	2 000,00
Mestrado em Finanças e Fiscalidade	1 133,33	283,87	1 000,00	800,00	1 800,00	1 495,24	355,99	1 500,00	950,00	2 400,00	2 033,33	591,89	2 000,00	1 000,00	3 200,00
Mestrado em Gestão	1 133,33	115,47	1 200,00	1 000,00	1 200,00	1 566,67	208,17	1 500,00	1 400,00	1 800,00	1 900,00	264,58	1 800,00	1 700,00	2 200,00
Mestrado em Modelação e Análise de Dados	1 250,00	212,13	1 250,00	1 100,00	1 400,00	1 550,00	494,97	1 550,00	1 200,00	1 900,00	1 950,00	777,82	1 950,00	1 400,00	2 500,00
Licenciatura em Ciências da Comunicação	933,33	115,47	1 000,00	800,00	1 000,00	1 133,33	202,07	1 250,00	900,00	1 250,00	1 416,67	381,88	1 500,00	1 000,00	1 750,00
Licenciatura em Filosofia	1 000,00	344,24	900,00	800,00	2 000,00	1 145,45	464,46	1 000,00	850,00	2 500,00	1 340,91	578,28	1 150,00	1 000,00	3 000,00
Licenciatura em Geografia	850,00	70,71	850,00	800,00	900,00	1 075,00	176,78	1 075,00	950,00	1 200,00	1 300,00	282,84	1 300,00	1 100,00	1 500,00
Licenciatura em História	1 166,67	288,68	1 000,00	1 000,00	1 500,00	1 566,67	115,47	1 500,00	1 500,00	1 700,00	1 833,33	288,68	2 000,00	1 500,00	2 000,00
Licenciatura em Línguas Aplicadas	950,00	70,71	950,00	900,00	1 000,00	1 200,00	141,42	1 200,00	1 100,00	1 300,00	1 425,00	247,49	1 425,00	1 250,00	1 600,00
Licenciatura em Línguas e Relações Internacionais	1 133,33	115,47	1 200,00	1 000,00	1 200,00	1 400,00	100,00	1 400,00	1 300,00	1 500,00	1 566,67	208,17	1 500,00	1 400,00	1 800,00
Licenciatura em Sociologia	919,44	232,09	800,00	700,00	1 400,00	1 102,78	299,74	1 000,00	800,00	1 700,00	1 341,67	402,29	1 200,00	900,00	2 250,00

Tabela 5: Estatística Descritiva do Rendimento Bruto a Auferir por Curso Frequentado

3.3.2. Abordagem Qualitativa: Análise ao Questionário

Com o objetivo de se compreender em que medida é que o fator de proximidade ao mercado e a influência familiar determinam as escolhas de formação académica, a análise do questionário divide-se, fruto da prévia categorização, em quatro secções: a Formação de Identidade do Indivíduo, a Formação e Perspetiva de Carreira do Indivíduo, a Relação do Estudante com o seu Seio Familiar, e, por fim, a Influência da Família na vida do Indivíduo.

Uma vez que o estudo se trata de uma comparação entre a Faculdade de Economia da Universidade do Porto e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a interpretação dos resultados será, em todos os pontos, dividida entre as respostas obtidas de ambas as faculdades.

3.3.2.1. A Formação de Identidade do Indivíduo

A Secção 1, imediatamente após os dados biográficos obtidos de cada um dos inquiridos, tem como objetivo principal impulsioná-los a questionarem-se sobre as suas identidades e, dessa forma, perceber a noção que têm sobre si mesmos.

A primeira questão procura analisar a capacidade dos participantes em adotar comportamentos que influenciem e originem a concretização de escolhas para o seu futuro, bem como perceber os investimentos que o estudante faz na exploração de informação e posterior questionamento na tomada de decisões.

Através da observação da tabela 6, é possível verificar que, em ambas as faculdades, mais de 50% dos indivíduos consideram encontrar-se na fase de construção, fase caracterizada pela capacidade de tomada das suas próprias decisões, estando envolvidos e comprometidos nessas mesmas escolhas. De salientar, no entanto, que a percentagem de estudantes que se encontram nesta fase é bastante mais notória na FEP, com um total de 86%; pelo contrário, no caso da FLUP, a percentagem ficasse nos 56%, seguindo-se 27% dos inquiridos (16 estudantes em termos absolutos) na fase da moratória, admitindo estes que não se sentem comprometidos com algo, procurando afastar-se de pressões e criar o seu próprio espaço para explorar e testar a realidade que os rodeia.

Em qual das seguintes fases considera que se encontra?	FEP		FLUP	
	N	%	N	%
Evito fazer escolhas autónomas, seguindo e concordando com as metas impostas ou idealizadas pelos meus familiares	4	6%	0	0%
Uma vez que não me sinto comprometido com algo, procuro afastar-me de pressões e criar o meu próprio espaço para explorar e testar a realidade que me rodeia	5	7%	16	27%
Sinto que a minha vida se encontra suspensa, sem uma essência ou direção própria, sentindo que tenho poucos ou nenhuns compromissos e apenas vivo o momento	1	1%	10	17%
Encontro-me capaz de tomar as minhas próprias escolhas e segui-las, estando envolvido e comprometido nessas decisões	61	86%	33	56%

Tabela 6: Fases de Identidade do Indivíduo

A segunda questão procura potenciar uma auto-reflexão do estudante em relação à sua construção identitária, nomeadamente através de afirmações relativas à forma como se encara a si próprio, avaliando o impacto que a interação social pode ter na construção do seu “eu”, o controlo pessoal que detém sobre si, bem como a forma como olha para os desenvolvimentos da sua vida em geral. A escala escolhida é composta por números (escala de Likert) de 1 a 5, onde 1 significa “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. As respostas, apresentadas em valor absoluto, serão apresentadas sob a forma de gráficos para uma leitura e interpretação mais simples. Pelo contrário, uma vez que a amostra não contém o mesmo número de indivíduos das duas faculdades, as conclusões serão retiradas em termos relativos, de forma a representarem corretamente as tendências observadas.

Assim, através da análise dos gráficos 3 e 4, podemos concluir que, no que respeita à afirmação “Sinto-me satisfeito com o que sou e assumo uma atitude positiva em relação a mim próprio”, a generalidade dos alunos da FEP se caracterizam por apresentar um espírito mais otimista em relação a si mesmos, quando comparados com os alunos da FLUP, dado que existe uma grande concentração - cerca de 89% do total - a concordarem com a afirmação apresentada, face a 54% de inquiridos da FLUP.

Quanto à segunda afirmação “Quando tenho uma opinião diferente de outra pessoa, não deixo de apresentar os meus argumentos”, a discrepância de opinião não é tão significativa, mostrando-se, em ambas as faculdades, que pelo menos 80% dos alunos consideram-se capazes de evidenciar os seus pontos de vista, ainda que os mesmos possam ser dissemelhantes ao de outras pessoas, o que revela neste ponto, que a amostra é constituída, em grande parte, por identidades ativas, ligadas à construção e exploração de sistemas psicológicos auto-reguladores, ao invés de comportamentos de imitação.

Em relação à afirmação “Lido bem com as coisas que não consigo alterar na minha vida”, as opiniões distribuem-se consideravelmente ao longo das várias opções de escolha, destacando-se, em ambas as faculdades, a barra da opção “Não concordo nem discordo”, o que evidencia ainda mais a dificuldade sentida nesta questão. A quarta afirmação “Estou satisfeito com o modo e a forma como os meus planos de vida se estão a concretizar”, apresenta-se, à semelhança da primeira, com uma discrepância evidente entre as duas instituições de ensino em análise, já que, uma vez mais, a generalidade dos alunos da FEP se caracterizam por apresentar um espírito mais otimista, agora em relação à forma como as suas metas, quer pessoais quer profissionais, estão a ser alcançadas – aproximadamente 75% do total – em contraste com apenas 50% dos alunos da FLUP a partilhar da mesma opinião. Assim sendo, podemos concluir que esta falta de confiança perante si mesmo tem consequências no dia-a-dia e nos planos que vão sendo objetivados, da mesma forma que o contrário se aplica, ou seja, a ausência de concretização de metas estabelecidas ou o fracasso na concretização das mesmas, tem implicações significativas na construção da identidade do indivíduo, já que tal como já fora dito anteriormente, o desenvolvimento da identidade é um processo não-linear que dura toda a vida e que, portanto, vai sofrendo ajustes conforme as nossas vivências.

A quinta afirmação é a que apresenta, do conjunto de afirmações, a resposta mais unânime, já que 92% dos inquiridos de ambas as faculdades consideram ter uma personalidade formada. Ao contrário desta, a última afirmação caracteriza-se por uma elevada dispersão nas respostas, ainda que idêntica entre a FEP e a FLUP. Assim, quanto à frase “A opinião dos outros influencia a forma como vejo as coisas”, ainda que haja uma percentagem maior de alunos a referir não concordar com a afirmação e, portanto, considerar que o ponto de vista de terceiros não tem impacto sobre a forma como vê as coisas - cerca de 36% dos alunos da FLUP e 28% dos alunos da FEP – há, no extremo oposto, 22% dos participantes de ambas as faculdades com a admitirem concordar com a influência que terceiros tem sobre si próprios.

Faculdade de Economia da Universidade do Porto

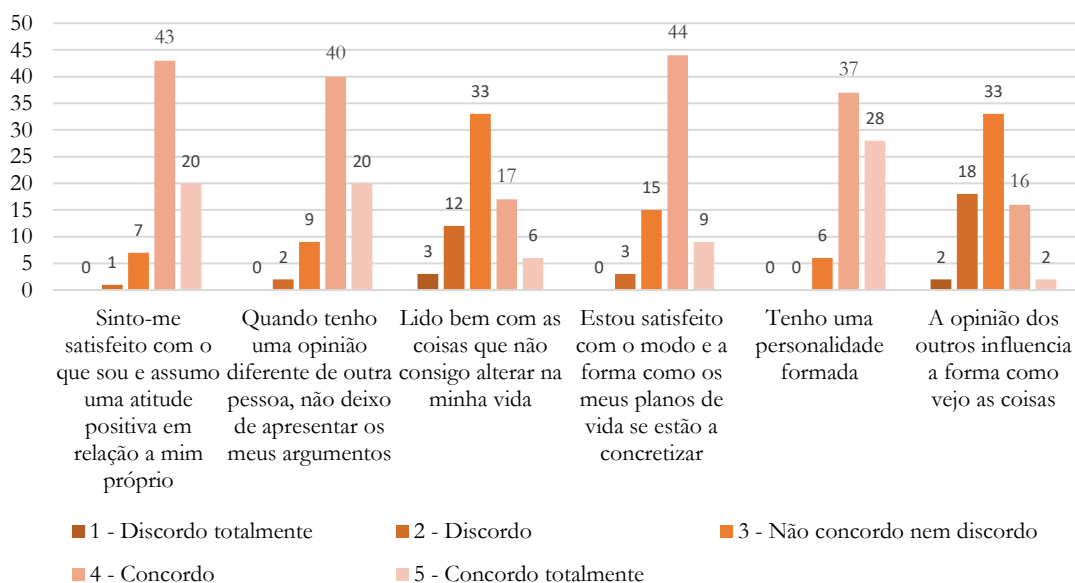


Gráfico 3: Construção Identitária do Indivíduo (FEP)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

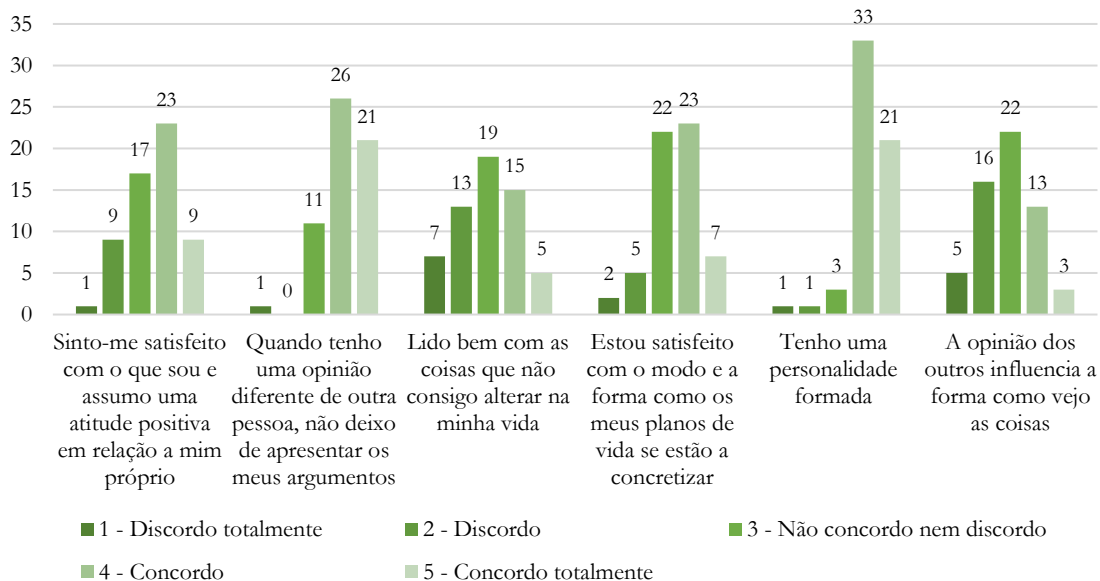


Gráfico 4: Construção Identitária do Indivíduo (FLUP)

3.3.2.2. A Formação e Perspetiva de Carreira do Indivíduo

A segunda secção pretende observar os motivos que estão na base das escolhas profissionais dos sujeitos, a conceção de carreira que assumem, assim como os objetivos de concretização profissional que norteiam o seu percurso. A carreira e a ideia que os indivíduos dela têm reflete a riqueza e pluralidade de informação que provém da literatura. Veremos, em seguida que, tal como os contributos empíricos, também a análise dos resultados espelha a variedade de opiniões e a dificuldade de consenso entre os inquiridos.

A primeira questão tem como principal objetivo criar um ponto de ligação entre a secção anterior – da formação de identidade do indivíduo – e a presente secção. Tal como é defendido por uma grande parte dos autores, o desenvolvimento da identidade é um processo não-linear que dura toda a vida, mas que encontra na adolescência uma proeminência considerável. Assim, através da questão “Em que altura da vida é que percebeu qual o caminho académico que pretendia seguir?”, procuramos perceber em que fase de crescimento pessoal é que os participantes no estudo se encontravam quando descobriram a sua vocação.

Uma vez que esta era uma questão de resposta aberta, decidimos agrupar as várias respostas nas opções constantes na tabela 7. Através da sua observação, é possível verificar uma clara tendência, dado que mais de 60% dos estudantes de ambas as faculdades, referiram que essa descoberta se deu no ensino secundário. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência dá-se entre os 15 e os 19 anos, intervalo de idades em que a maioria dos estudantes se encontra no ensino secundário. Assim sendo, o estudo empírico vai de encontro à literatura e evidencia o peso significativo que essa fase de crescimento individual tem nas escolhas profissionais de cada um. É ainda importante retirar desta questão, duas evidências adicionais: no caso da FEP, o ensino básico é o segundo ciclo de estudos que constitui um maior número de respostas - 13% do total de inquiridos dessa instituição-, pelo que se compreende que esses estudantes consolidaram a sua formação de identidade numa fase mais precoce; no caso da FLUP, a segunda opção com maior número de resultados é a de “Ainda não descobri” – 14% do total de alunos desta instituição -, o que se encontra intimamente ligado à questão “Em qual das seguintes fases considera que se encontra?”, presente na tabela 6, uma vez que todos estes mencionaram se identificar com uma das seguintes afirmações: “Sinto que a minha vida se encontra suspensa, sem uma essência ou direção própria, sentindo que tenho poucos ou nenhuns compromissos e apenas vivo o

momento” ou “Uma vez que não me sinto comprometido com algo, procuro afastar-me de pressões e criar o meu próprio espaço para explorar e testar a realidade que me rodeia”.

É ainda igualmente importante referir que cerca de 25% dos alunos de ambas as faculdades mostraram apenas ter percebido o caminho que pretendiam seguir, após a conclusão do ensino secundário, evidenciando, assim, formações de identidade um pouco mais tardias.

Em que altura da vida é que percebeu qual o caminho académico que pretendia seguir?	FEP		FLUP	
	N	%	N	%
No ensino básico	9	13%	4	7%
No ensino secundário	44	62%	40	68%
Na licenciatura	7	10%	3	5%
No mestrado	5	7%	0	0%
Após ter ingressado no mercado de trabalho/ter tido uma experiência profissional	3	4%	4	7%
Ainda não descobri	3	4%	8	14%

Tabela 7: Escolha do Percurso Académico

A questão seguinte procura estudar os motivos que estão subjacentes à escolha dos percursos académicos e, conseqüentemente, profissionais, dos inquiridos. Através da leitura do gráfico 5, é clara a distinção nas respostas dadas entre os alunos das duas faculdades. Os estudantes da FEP revelam, nas suas preferências individuais, um maior equilíbrio entre o autoconceito de si mesmos – perto de 50 do total de 71 estudantes da FEP referiram que o gosto pessoal pela área foi uma das razões que os levou a optar pelo caminho enveredado – e o contexto de mercado atual – já que também uma grande parte dos alunos referiram que um dos fatores de decisão está relacionado com a existência de saídas profissionais/maior probabilidade de arranjar emprego ou com a consciência de que a área em questão poderá auferir rendimentos mais elevados e, dessa forma, dar acesso a uma adjacente liberdade financeira.

Já os estudantes da FLUP mostram que o principal fator que se encontra na origem do curso escolhido é o gosto pela área de estudo – 85% selecionam esta opção -, seguindo-se a opção das saídas profissionais, com 17 inquiridos a referir ter sido um fator de decisão. Através de uma análise mais aprofundada aos questionários, verificamos que a maioria dos estudantes que referem a opção das saídas profissionais, são os mesmos que em questões que serão vistas mais à frente na análise dos resultados, destacam o seu interesse por trabalhar fora do país, em funções ligadas, essencialmente, à diplomacia e à política. A discrepância entre as duas faculdades encontra-se intimamente ligada à proximidade do mercado, já que a FLUP está numa situação em que, de um modo geral, o mercado fica consideravelmente

mais longínquo e, portanto, de um modo geral, os estudantes que optam por cursos desta faculdade, têm um maior enfoque em prosseguir um caminho académico que esteja diretamente ligado aos seus traços de personalidade e satisfação pessoal, enquanto que os alunos da FEP, ainda que tenham esse fator em consideração, enveredam mais rapidamente pelas áreas da Economia e da Gestão, por terem conhecimento do retorno que poderá advir daí, em consequência do maior número de ofertas no mercado e da rivalidade empresarial.

Além das opções mencionadas anteriormente, a presente questão procura igualmente criar um primeiro ponto de ligação com a secção seguinte, abordando, portanto, o tema da influência familiar. Também aqui se verifica uma discrepância considerável nas respostas obtidas de ambas as faculdades, já que apenas 4 dos 59 participantes da FLUP referem ter optado pelo caminho das letras por influência do seu seio familiar, 3 dos quais por existirem pessoas próximas a si que enveredaram pelo mesmo caminho; no caso da FEP, o número é mais significativo, tendo 18 alunos – o que equivale a 25% da amostra desta faculdade – confessado que seguiram uma posição idêntica à do seu seio familiar, o que revela o papel preponderante que este teve na escolha da área a seguir pelo sujeito. Assim sendo, e tendo em conta a abordagem da estratificação social (Sonnenfeld & Kotter, 1982) que defende a existência de uma relação entre o percurso seguido pelos pais e o cargo ocupacional atingido pelo indivíduo, podemos concluir que, consoante a proximidade da área ao mercado, esta influência pode ser mais ou menos notória.

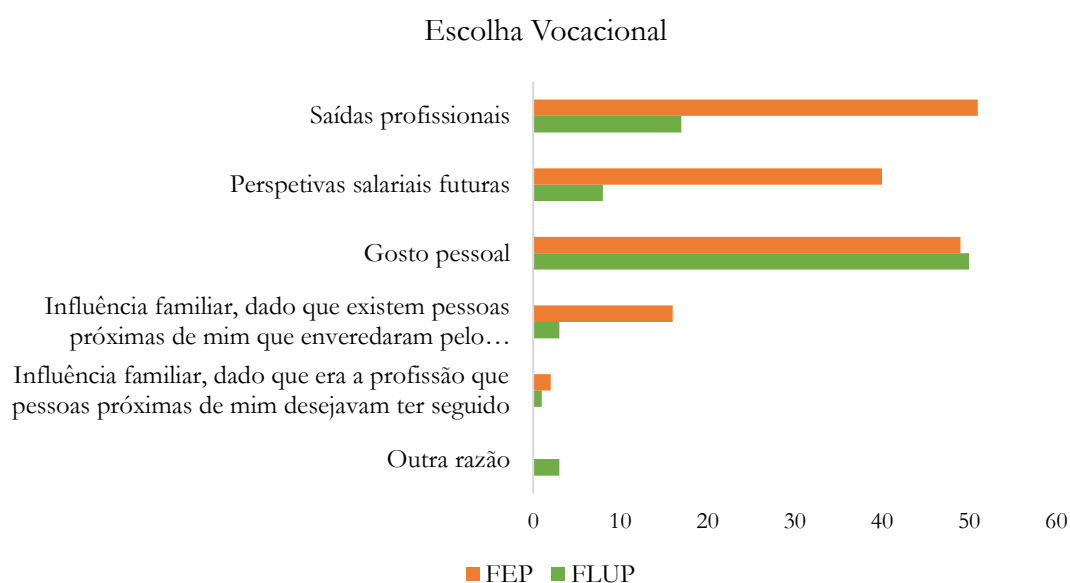


Gráfico 5: Motivos Subjacentes à Escolha Vocacional

A próxima questão tem como objetivo compreender o nível de realização pessoal dos participantes associado ao percurso académico seguido e, conseqüentemente, possíveis desvios de carreira, após a conclusão do mesmo. No caso da FEP, 66 dos 71 inquiridos revelam que o percurso académico seguido se encontra enquadrado com o que pretende fazer no futuro, transmitindo, assim, a ideia de percurso de carreira linear. Na FLUP, os alunos já dividem um pouco mais a sua opinião pelas duas opções alternativas, verificando-se que 44 dos 59 estudantes – cerca de 75% do total – exibem uma intenção de continuidade na área em que iniciaram o seu percurso académico, exprimindo, portanto, os restantes 25% vontade de mudar de área aquando do início da sua atividade laboral – evidência de um percurso de carreira não linear. Através da questão seguinte “Como se imagina daqui a 5 anos a nível profissional?”, podemos constatar que, dos 15 alunos da FLUP cuja ambição não passa por prosseguirem a sua área de estudo, 5 referem não saber o caminho que pretendem, 3 mencionam perspetivar encontrarem-se a terminar outra licenciatura/mestrado numa outra área de interesse, 3 afirmam desejar estar a trabalhar na área de recursos humanos ou marketing e os restantes 4 apenas expõem a ambição por se sentirem empregados e realizados. Importante salientar ainda que, alguns destes, justificam a intenção de um percurso não linear em consequência da falta de saídas profissionais, o que intensifica, uma vez mais, a ideia de mercado longínquo que já tem vindo a ser discutida nas questões anteriores.

Relacionada, portanto, com a anterior, surge a questão “Como se imagina daqui a 5 anos a nível profissional?”, onde cada um dos inquiridos teve oportunidade de refletir sobre as suas escolhas vocacionais e a investigação de retiradas no que respeita ao grau de ambição e às diferentes expectativas/realidades individuais. Tal como já tem vindo a ser habitual nas questões anteriores, também nesta é evidente a diferente ordem de pensamentos entre os alunos da FEP e da FLUP. De um modo geral, os alunos da Faculdade de Economia revelam um grande enfoque na liberdade financeira, perspetivando, portanto, encontrarem-se a desempenhar funções/cargos que lhes permitam boas condições remuneratórias; mostram, igualmente, ambicionar cargos de chefia e liderança – quer em negócios familiares quer em empresas externas -, onde possam assumir maior responsabilidade e autonomia, bem como, em muitos casos, criar o seu próprio negócio, o que revela uma vez mais o espírito empreendedor característico, de acordo com as respostas observadas, na amostra conseguida desta faculdade. São sujeitos que se empenham na tentativa de obtenção de um lugar prestigiado e de destaque dentro da organização e anseiam ter acesso a todas as

prerrogativas adjacentes, como é um caso de uma boa remuneração e de um cargo de grande importância. Ainda sobre estes alunos, realçar também o interesse por se manterem nas áreas de estudo e a importância dada à entidade empregadora, já que uma significativa parte das respostas mencionava a intenção de ingressar numa multinacional. Apenas um reduzido número de participantes frisou perspetivar estabelecer-se fora do país, enquanto um outro número ainda mais reduzido apresenta incerteza quanto ao seu futuro, não tendo qualquer plano pré-concebido. No caso da Faculdade de Letras, é coincidente a uma considerável parte dos inquiridos a vontade de impactar a sociedade, através de organizações que lutem por diferentes causas; é igualmente verificado, por alguns destes, e em concordância com o que fora dito anteriormente, a vontade de pertencer a instituições internacionais e, portanto, conseqüentemente, a ambição de trabalhar fora do país, vontade essa que também se encontra ligada, tal como referido por alguns dos alunos, pela dificuldade de obtenção de emprego e a perspetiva de rendimentos baixos. Aspectos como posições de topo ou de negócios próprios são pouco destacadas, bem como perspetivas de estabilidade financeira. É valorizada a função desempenhada e o contributo que terá na sociedade em geral, em detrimento de questões económicas.

Como forma de corroborar a discrepância encontrada ao nível de pensamentos de carreira futura entre as duas faculdades em estudo, surge a questão seguinte, onde se verifica a maior importância dada, pelos alunos da Faculdade de Economia, a valores tradicionais, já que os dois fatores que são apontados por estes como principais na aceitação de uma proposta de emprego são o salário e a função desempenhada. Assim, enquanto que estes estudantes se caracterizam pela visão mais clássica do conceito de “sucesso na carreira”, os estudantes da Faculdade de Letras revelam ainda não ter uma orientação muito vincada a nível de predominância de valores tradicionais ou não tradicionais, uma vez que os dois fatores apontados como cruciais são a função desempenhada – em semelhança com os alunos da FEP – e a relação entre colegas, fator esse que se encontra dentro do pensamento mais emergente, associado ao peso cada vez maior dado à esfera pessoal e à interação social no contexto profissional. Da mesma forma que existe semelhança num dos fatores mais apontados, também mais de 75% de alunos de ambas as faculdades concordaram que a existência de familiares ou amigos associados à entidade empregadora – ou porque exerçam lá funções ou porque já tenham exercido – é o fator com menor peso aquando da aceitação de um emprego. O segundo fator com inferior relevo já não gera consenso, sendo apontada

a proximidade geográfica pelos alunos da FEP e o reconhecimento da entidade no mercado pelos estudantes da FLUP.

De um modo geral, pelas questões anteriormente analisadas, destaca-se, pelos alunos da FEP, a ambição de ocupar posições hierárquicas de mérito nas organizações, bem como ter uma remuneração aliciante e, portanto, adequada a essa mesma posição. A questão que se segue vem intensificar essa ordem de pensamento, ao indagar ambas as faculdades sobre o rendimento bruto que perspetivam auferir nos primeiros anos da sua carreira profissional, nomeadamente no início da mesma, passados 2 e 4 anos de experiência, cujo objetivo primordial é, além de perceber os diferentes pontos de partida no princípio da vida profissional de cada um destes, analisar as diferentes perspetivas de evolução salarial que procuram obter. É facilmente perceptível, pela análise dos gráficos 6 e 7, que esta questão vem corroborar as anteriores, mostrando uma vez mais que a prospeção salarial dos estudantes de ambas as faculdades é consideravelmente distinta e vai-se tornando cada vez mais notória com o aumento do número de anos de experiência. Se numa fase inicial da vida profissional, ambas as faculdades apresentam como o intervalo com maior número de respostas, o de um rendimento bruto mensal entre os 800 e os 1.000 Euros – ainda que com um evidente maior número de respostas por parte da FLUP, uma vez que no caso da FEP surge imediatamente depois o intervalo entre os 1.000 e os 1.200 Euros – passados apenas dois anos, a realidade é bastante diferente. Assim, após esse tempo de experiência, os alunos da Faculdade de Economia encontram-se dispersos pelas várias opções, estando, no entanto, um maior número destes concentrados acima dos 1.400 Euros. No caso da Faculdade de Letras, ainda que em menor quantidade, continua a existir um grande destaque no espaço entre os 800 e os 1.000 Euros mensais.

Tal como já fora referido anteriormente, a maior inconsonância dá-se numa fase de experiência profissional um pouco mais elevada, nomeadamente passados 4 anos de trabalho no ramo, onde os alunos da FEP perspetivam, na sua grande maioria, auferir de rendimento mensal bruto, um valor acima dos 1.600 Euros, enquanto uma grande parte dos estudantes da FLUP consideram que com o mesmo nível de experiência, os seus vencimentos rondarão os 1.000 e os 1.200 Euros. Sendo uma questão de resposta aberta, possibilitou aos estudantes poderem justificar as suas respostas e, dessa forma, enriquecer o teor de análise do presente estudo. Pelos alunos da FEP foi apontado, como um fator possibilitador de salários mais elevados, a maior procura existente, nos últimos anos, por parte das empresas, na obtenção de colaboradores das áreas da Economia. No caso da FLUP, verifica-se duas situações

distintas: pelos estudantes que referem salários mais baixos, é mencionado o conhecimento de colegas que já terminaram o curso que se encontram desempregados ou que tiveram de procurar melhores condições fora do país, pelas ofertas pouco aliciantes de que as organizações se faziam acompanhar; pelos alunos que referem salários mais elevados, a justificação dada é a ambição pelo seguimento da profissão de diplomata, que segundo os mesmos, confere um nível de estabilidade financeira superior às saídas profissionais alternativas.

Assim, podemos concluir que a perspetiva é de um crescimento salarial mais célere nas profissões seguidas pelos estudantes da Faculdade de Economia, bem como uma progressão na carreira mais feroz, pressupondo que rendimentos mais altos se encontram relacionados com posições de maior responsabilidade e de maior nível hierárquico. A proximidade ao mercado e as saídas profissionais que a Faculdade de Economia oferece ajudam a potenciar as expectativas dos estudantes após o seu percurso académico e a encorajá-los para um maior nível de negociação salarial.

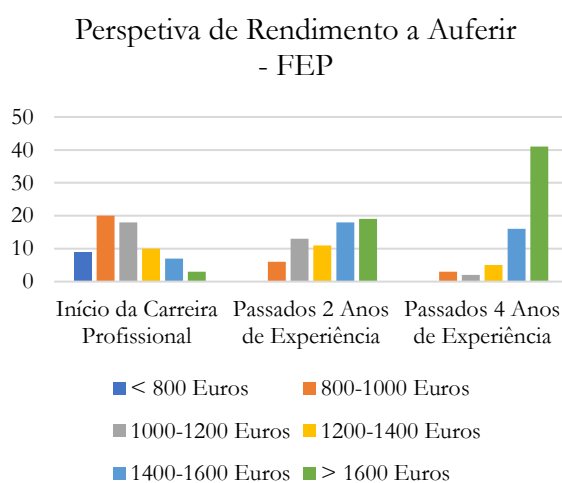


Gráfico 6: Perspetiva de Evolução Salarial (FEP)

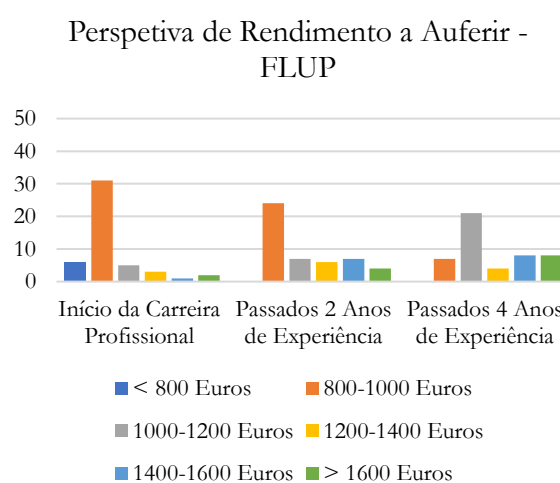


Gráfico 7: Perspetiva de Evolução Salarial (FLUP)

3.3.2.3. A Relação do Estudante com o seu Seio Familiar

A terceira secção surge como forma de compreender em que meio é que o inquirido está inserido – através de duas questões, uma relativa ao grau de escolaridade do agregado familiar do estudante e outra relativa à profissão de cada um destes - e que tipo de acompanhamento familiar obtém, levando o participante da investigação a refletir sobre o surgimento de algumas situações no seu contexto familiar.

Começando por analisar a tabela 8, o qual nos fornece informação relativa ao grau de escolaridade dos membros do agregado familiar de cada um dos inquiridos, e numa ótica comparativa entre as duas faculdades, conseguimos perceber que, no que respeita à figura maternal, a mesma encontra-se consideravelmente dispersa pelos vários níveis académicos, assumindo, no caso da Faculdade de Economia, praticamente as mesmas percentagens em todos eles, com exceção do grau de mestre, onde se constata um número significativamente mais baixo de respostas - apenas 4 das 67 mães exibem esse grau. Em relação à Faculdade de Letras, ainda que também bastante repartidas, quando comparado com a FEP, as percentagens são mais elevadas nos níveis académicos mais baixos – 70% das mães dos alunos da FEP manifestam um grau académico máximo equivalente ao 12º ano, enquanto no caso da FLUP essa percentagem aumenta para os 86%. No caso da figura paternal, ainda que também repartida pelas várias alternativas, destaca-se a existência de 29% dos pais dos alunos da Faculdade de Economia com grau inferior ou igual ao 6º ano de escolaridade, percentagem igual ao número de pais que seguiram o ensino superior, pelo que se compreende que, dentro da mesma tipologia vocacional, existem estudantes de meios e realidades completamente distintas entre si. No caso da FLUP, destaca-se com a percentagem mais elevada – cerca de 32% do total de pais – os que concluíram o 9º ano, percentagem próxima à do número de pais que ingressaram no ensino superior – cerca de 27%. Assim, ao contrário do que acontecia no caso da figura maternal, em que se verifica que a amostra da Faculdade de Economia apresenta níveis de escolaridade mais elevados na sua maioria, principalmente no que concerne à entrada das mães no ensino superior, no caso das figuras masculinas, a realidade entre as duas faculdades encontra-se mais idêntica, apresentando, no entanto, a Faculdade de Economia os extremos mais vincados, dada a percentagem de pais com maior enfoque no 6º ano e menor com o grau de mestre.

A análise efetuada aos irmãos terá de ser um pouco distinta das anteriormente realizadas, chamando a atenção para o facto de que muitos destes ainda se encontram a estudar e, portanto, o grau de escolaridade mencionado refere-se ao último concluído e não

ao nível final com que prosseguiram a sua carreira profissional. Ainda assim, é claro pela tabela, o crescente aumento da taxa de escolaridade pelas gerações mais jovens, uma vez que, dos irmãos dos inquiridos, quase 60% no caso da FEP e 40% no caso da FLUP, ingressaram no ensino superior, percentagem essa notavelmente acima das verificadas pelos seus progenitores e ainda com a salvaguarda de que poderá aumentar pela justificação dada acima.

Dado o pequeno número constante em “outro”, o mesmo não será alvo de análise, por considerarmos que daí não serão extraídas conclusões significativas para o estudo.

	FEP								FLUP							
	Mãe		Pai		Irmã(o)		Outro		Mãe		Pai		Irmã(o)		Outro	
Qual o grau de escolaridade dos membros do seu agregado familiar?	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<= 6º Ano	13	19%	16	29%	3	6%	1	33%	10	20%	6	16%	1	3%	6	55%
9º Ano	17	25%	10	18%	8	16%	0	0%	16	31%	12	32%	5	17%	3	27%
12º Ano	17	25%	14	25%	10	20%	1	33%	18	35%	10	26%	12	40%	0	0%
Licenciatura	16	24%	14	25%	14	29%	1	33%	5	10%	6	16%	8	27%	1	9%
>= Mestrado	4	6%	2	4%	14	29%	0	0%	2	4%	4	11%	4	13%	1	9%
TOTAL	67	100%	56	100%	49	100%	3	100%	51	100%	38	100%	30	100%	11	100%

Tabela 8: Grau de Escolaridade do Agregado Familiar

A segunda questão presente nesta secção procura caracterizar mais aprofundadamente o caminho vocacional do agregado familiar dos participantes no estudo, indo além do seu grau de escolaridade. Assim, foi questionada a profissão de cada um destes, como forma de entender possíveis “enviesamentos” de escolha de percurso académico. Dado o número avultado de profissões distintas que foram alvo de resposta no questionário, decidimos, na análise, agrupá-las de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões de 2010 (Anexo II), abreviadamente designada por CPP/2010, elaborada a partir da Classificação Internacional Tipo de Profissões de 2008 (CITP/2008), pelo Instituto Nacional de Estatística, I.P. (INE, I.P), com a adição das hipóteses de “Desempregada(o) ou Reformada(o)” e “Estudante”, para que todas as respostas se pudessem enquadrar com a tipologia escolhida.

Em consonância com o espírito de liderança e empreendedor verificado, em questões anteriores, numa considerável parte dos alunos da FEP, surge como uma das tipologias mais recorrente – 16% e 18% das mães e dos pais dos estudantes desta faculdade, respetivamente -, a de “Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos”. Ainda mais evidente que esta, surge, como a categoria profissional mais comum aos progenitores dos alunos da FEP – 25% do total de figuras maternas e 20% do total de figuras paternas -, a de “Especialistas das atividades intelectuais e científicas”, onde

os cargos mais observados são o de professor e contabilista. No caso da FLUP, uma das duas categorias com maior percentagem de resposta, é testemunhada por ambos os progenitores, particularmente a de “Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores”, com 33% no caso das mães, onde se destacam as profissões de auxiliar, esteticista e cabeleireira e com 24% no caso dos pais, pela evidência de cargos de segurança, polícia e bombeiro. A segunda categoria com maior leque de resultados é, no caso da figura maternal, a de “Trabalhadores não qualificados”, pela inclusão nesta categoria da profissão de auxiliar de limpeza e, no caso da figura parental, a de “Especialistas das atividades intelectuais e científicas”, nomeadamente em cargos de engenharia e ensino. No que respeita aos irmãos, mais de metade ainda se encontra a estudar, pelo que nada se pode concluir sobre estes. No entanto, da restante amostra que já se encontra a trabalhar, destaca-se a categoria de “Especialistas das atividades intelectuais e científicas”, desagregando-se a mesma, sobretudo, pelas áreas da advocacia e engenharia.

	FEP								FLUP							
	Mãe		Pai		Irmã(o)		Outro		Mãe		Pai		Irmã(o)		Outro	
Qual a profissão dos membros do seu agregado familiar?	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Profissões das Forças Armadas	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%
Órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	11	16%	10	18%	1	2%	2	67%	1	2%	3	8%	0	0%	0	0%
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	17	25%	11	20%	18	37%	0	0%	7	14%	8	22%	8	27%	2	18%
Técnicos e profissões de nível intermédio	3	4%	8	14%	0	0%	0	0%	4	8%	6	16%	1	3%	0	0%
Pessoal administrativo	5	7%	4	7%	1	2%	0	0%	4	8%	0	0%	0	0%	0	0%
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	8	12%	3	5%	0	0%	0	0%	17	33%	9	24%	4	13%	1	9%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	3	4%	2	4%	1	2%	0	0%	1	2%	2	5%	0	0%	1	9%
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	6	9%	7	13%	0	0%	0	0%	5	10%	4	11%	0	0%	1	9%
Trabalhadores não qualificados	9	13%	7	13%	0	0%	0	0%	8	16%	2	5%	1	3%	0	0%
Desempregada(o) ou Reformada(o)	5	7%	4	7%	2	4%	1	33%	4	8%	1	3%	1	3%	4	36%
Estudante	0	0%	0	0%	26	53%	0	0%	0	0%	0	0%	15	50%	2	18%
TOTAL	67	100%	56	100%	49	100%	3	100%	51	100%	37	100%	30	100%	11	100%

Tabela 9: Profissões do Agregado Familiar

Além das tabelas 8 e 9, consideramos igualmente pertinente e rico para a investigação em questão, efetuar uma junção de ambas as questões e preparar uma tabela 10, onde desagregamos, do conjunto de membros do agregado familiar dos participantes no questionário que prosseguiram estudos no ensino superior, os que têm profissões associadas às ciências exatas ou biológicas e os que têm profissões associadas às ciências humanas. Incluímos ainda uma terceira linha, a qual denominamos de “Sem desagregação”, para as profissões que, através da resposta, não foi possível identificar a área científica a que

respeitava. Assim, pela análise da tabela 10, é visível a linearidade de caminho acadêmico seguido pelos estudantes quando comparado com o seu agregado familiar. Do conjunto de pais, dos alunos da FEP, que prosseguiram estudos superiores, 85% - no caso das mães – e 81% - no caso dos pais - apostou nas ciências exatas ou biológicas, em concordância com os seus descendentes; o mesmo acontece com os progenitores dos estudantes da FLUP, onde 71% - no caso das figuras maternas – e 50% - no caso das figuras paternas - optaram pelas ciências humanas, tal como os seus filhos. Da mesma forma que existe uma clara semelhança na área científica dos participantes no estudo, quando associados aos seus pais, também se verifica nítida analogia entre os estudantes da amostra e os seus irmãos, constatando que 64% dos irmãos dos estudantes da Faculdade de Economia seguiram ciências exatas ou biológicas, bem como 58% dos irmãos dos estudantes da Faculdade de Letras seguiram ciências humanas. De notar ainda que estas percentagens poderiam ser ainda mais elevadas, caso os estudantes tivessem, no questionário, identificado o curso frequentado pelos seus irmãos, no caso dos estudantes, os quais, na presente tabela, encontram-se na linha denominada "Sem desagregação".

	FEP								FLUP							
	Mãe		Pai		Irmã(o)		Outro		Mãe		Pai		Irmã(o)		Outro	
Ciências Exatas ou Biológicas	17	85%	13	81%	18	64%	0	0%	2	29%	5	50%	1	8%	2	100%
Ciências Humanas	2	10%	2	13%	2	7%	0	0%	5	71%	5	50%	7	58%	0	0%
Sem desagregação	1	5%	1	6%	9	32%	1	100%	0	0%	0	0%	4	33%	0	0%
TOTAL	20	100%	16	100%	29	104%	1	100%	7	100%	10	100%	12	100%	2	100%

Tabela 10: Ciências Exatas ou Biológicas versus Ciências Humanas

A última questão desta secção procura perceber que tipo de acompanhamento familiar o estudante obtém, levando o mesmo a refletir sobre o surgimento de algumas situações no seu contexto familiar. De um modo geral, percebemos que esta é uma questão cujas respostas não se encontram muito distintas entre as duas faculdades, encontrando-se a amostra relativamente idêntica entre si, conforme mostra a tabela 11. A maioria - 86% dos inquiridos no caso da FEP e 78% no caso da FLUP – admitem se sentir, sempre ou praticamente sempre, apoiados pela sua família quando pretendem começar uma nova atividade curricular; com percentagens semelhantes encontra-se a afirmação “A minha família aborda comigo temas da atualidade”, com 82% de estudantes da Faculdade de Economia a responder “Muitas vezes” ou “Sempre”, face a 71% dos alunos da Faculdade de Letras. Ainda que a tendência verificada seja de uma constante discussão sobre a atualidade entre os estudantes e o seu agregado familiar, proporcionando a estes um melhor

entendimento, bem como um maior sentido crítico e de questionamento acerca do mundo que os rodeia, averigua-se que, quando o aumento da cultura geral se faz através do incentivo pela leitura de livros, visita a museus, entre outras atividades de cariz instrutivo, a percentagem diminui um pouco, ainda que se mantenha acima dos 60% em ambas as faculdades. Tal vem corroborar o pensamento de Eccles (1993), mencionado na revisão de literatura, o qual refere que pais que expõem os filhos a atividades estimulantes como a leitura e a participação em atividades extracurriculares potenciam o desenvolvimento do jovem e a procura pelo alcance de objetivos.

Em relação ao estímulo do agregado familiar perante o ingresso, dos participantes do questionário, no ensino superior, a opinião é unânime: a totalidade dos alunos da FEP sentiram-se fortemente incentivados, bem como 90% dos alunos da FLUP, o que significa que, apenas no caso desta segunda faculdade, existiram 10% que consideram ter existido alguma resistência, por parte dos progenitores, à prossecução dos seus estudos. As conclusões retiradas das afirmações acima, nomeadamente de um forte encorajamento parental, podem estar relacionadas com a seguinte, onde 87% e 80% dos alunos da FEP e da FLUP, respetivamente, consideram manter uma relação próxima e afetiva com os seus familiares. A última afirmação, referente à tentativa de tomada de decisões conjuntas no seio familiar, ainda que continue semelhante às anteriores no que respeita a uma concentração de respostas nas opções de “Muitas vezes” e “Sempre” – mais de 60% em ambas as faculdades – é a que, na restante percentagem, divide mais opiniões, com cerca de 20% a afirmar que apenas em algumas situações as decisões são partilhadas pelo agregado familiar e mais de 10% a expor que raramente ou nunca existe deliberação conjunta.

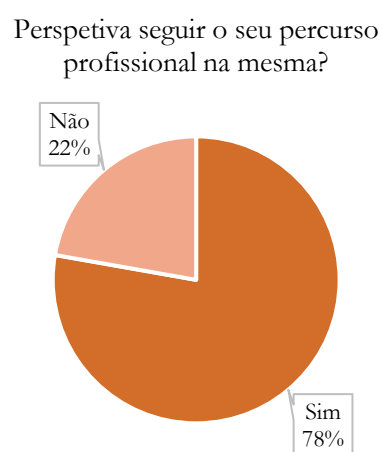
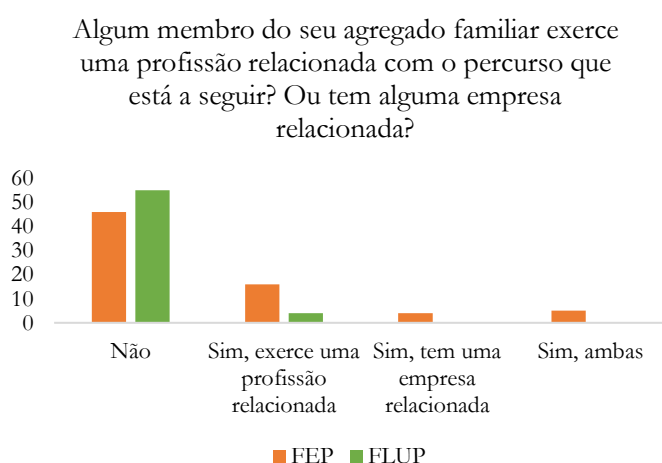
Ainda que as respostas observadas permitam concluir que grande parte da amostra tem uma relação familiar coesa, onde se sentem apoiados no seu desenvolvimento pessoal e onde lhes é dado espaço para opinar, verifica-se, em todas as afirmações, um maior número de respostas favoráveis no caso da FEP.

Com que regularidade surgem as seguintes situações na sua família: (Escala: 1- Nunca, 2- Raramente, 3- Às vezes, 4- Muitas vezes, 5- Sempre)	FEP					FLUP				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
A minha família apoia-me quando pretendo começar uma nova atividade extracurricular	1%	3%	10%	35%	51%	0%	12%	10%	31%	47%
A minha família sempre me incentivou a aumentar a minha cultura geral (exemplo: visita a museu, leitura de livros)	1%	7%	27%	24%	41%	5%	10%	22%	24%	39%
A minha família aborda comigo temas da atualidade	3%	3%	13%	46%	35%	5%	8%	15%	36%	36%
A minha família incentivou o meu ingresso na universidade	0%	0%	0%	10%	90%	2%	2%	7%	17%	73%
Mantenho uma relação próxima e afetiva com os meus familiares	0%	3%	10%	18%	69%	0%	5%	15%	29%	51%
Tentamos que as decisões em casa sejam tomadas em conjunto	6%	6%	23%	37%	30%	7%	10%	22%	29%	32%

Tabela 11: O Estudante e o Respetivo Acompanhamento Familiar

3.3.2.4. A Influência da Família na Vida do Indivíduo

A última secção tem como propósito captar o papel que a família do estudante tem na construção do seu percurso académico e profissional. Conforme já referido na revisão de literatura, uma das abordagens de maior importância neste âmbito é a abordagem da estratificação social (Sonnenfeld & Kotter, 1982), a qual preserva a ideia de uma relação entre a carreira dos progenitores e o percurso académico e profissional seguido pelo indivíduo, já que muitos adolescentes optam por seguir caminhos já traçados pelos pais, pela vontade demonstrada por estes em que os filhos “sigam as suas pisadas”. Atualmente, ainda que esta influência já não se encontre tão notória, no caso da Faculdade de Economia, ainda perfaz uma percentagem significativa, dado que 35% do total de inquiridos, - 25 em termos absolutos - referem ter membros do seu agregado familiar com profissões e/ou empresas relacionadas com o percurso académico que se encontram a seguir, conforme mencionado no gráfico 8. No caso da Faculdade de Letras, apenas 7% diz ter seguido uma área de estudo semelhante à vocação do seu agregado, pelo que se depreende que a escolha dos restantes 93% teve por base outros fatores que não o seguimento dos passos familiares. Associada à questão anterior, consideramos pertinente perceber se, para os casos em que os participantes referem ter uma empresa relacionada com a sua área de estudo, se era sua perspetiva seguir carreira na mesma. Dos 9 alunos da FEP que se encontram em tais condições, apenas 2 referiram ter preferência em dissociar-se da empresa dirigida pelo seu agregado familiar.



Além da influência que os progenitores podem ter nas decisões acadêmicas tomadas pelos jovens, por semelhança com os caminhos seguidos por si, verifica-se igualmente, e em consonância com a revisão de literatura, a existência de outros motivos que levam o agregado familiar a persuadir as escolhas dos mais novos, nomeadamente percursos idealizados para si e que não foram concretizados ou, simplesmente, áreas que consideram proporcionar melhores perspetivas futuras e, dessa forma, procurarem as mesmas para os seus descendentes. Dessa forma, foi questionado aos inquiridos se a escolha do seu percurso académico foi influenciada pelos membros do seu agregado familiar, tendo, a maioria destes – 68% no caso da FEP e 80% no caso da FLUP - referido ter optado pela sua vocação, por vontade e decisão própria (tabela 12). Verifica-se, no entanto, uma maior concentração de influência nos estudantes da Faculdade de Economia, o que se encontra relacionado a um maior número de “sins” na questão anterior – 18 dos 23 estudantes que referem que a escolha foi influenciada pelos membros do seu agregado familiar, referiram ter progenitores com profissões e/ou empresas relacionadas.

A escolha do seu percurso académico foi influenciada pelos membros do seu agregado familiar?	FEP		FLUP	
	N	%	N	%
Não	48	68%	47	80%
Sim	11	15%	6	10%
Talvez	12	17%	6	10%

Tabela 12: Influência do Agregado Familiar nas Escolhas Individuais

Foi partilhado, na pergunta seguinte, pelos participantes que referiram ter sido influenciados nas suas escolhas, quais os caminhos que teriam seguido por opção própria. Dos 23 alunos da FEP que admitiram ter sido alvo de persuasão, 12 mencionaram que teriam optado pelo mesmo trajeto académico, 2 referem que ter-se-iam mantido nas ciências exatas e biológicas, mas antes nos cursos de Matemática e Enfermagem, 3 consideram que teriam escolhido seguir ciências humanas, nas áreas do Direito, Psicologia e Arqueologia e 6 mudariam as suas opções para as Artes, nomeadamente para os cursos de Música, Moda e Design de Interiores. Já no caso da FLUP, dos 12 estudantes nestas circunstâncias, 6 encontram-se na área que optariam individualmente, 3 escolheriam enveredar pela ramo da Engenharia, 2 mantinham-se pelas ciências humanas, nos cursos de Literatura e Jornalismo e 1 estudante iria tentar prosseguir o seu sonho de ser piloto de fórmula 1.

É notória a influência que os familiares têm nos indivíduos, no entanto, nas questões acima concentramos as atenções para a influência a nível académico, sabendo que tal

constitui apenas uma parte da intervenção que estes podem efetuar no sujeito. Assim, decidimos questionar os inquiridos do seguinte “Em que medida é que sente que as suas decisões são influenciadas pela opinião dos seus familiares?”, onde 1 significava “Nada influenciadas” e 5 “Totalmente influenciadas”, tornando, desta forma, a questão mais geral. Acreditando que, a partir de 3, as escolhas individuais já têm em conta opiniões dos mais próximos, podemos concluir que mais de 60% dos estudantes de ambas as faculdades, consideram ser influenciados aquando da tomada de decisões.

Recuando à revisão de literatura, foi concluído por Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira, num inquérito realizado, em 2005, às famílias em Portugal, que o nível de escolaridade da mãe exerce uma influência mais significativa, percebendo que, quanto mais elevadas forem as qualificações da figura feminina, mais elevada é a taxa de sucesso dos filhos. Baseando-nos neste ponto, optamos por finalizar esta secção do questionário, com a questão “Qual a pessoa que exerce uma maior influência sobre si?”, onde rapidamente se concluiu que a grande parte dos alunos consideram que a opinião da sua figura maternal é a que maior relevo tem sobre as decisões finais – 59% das respostas da FEP e 63% das respostas da FLUP. A figura paternal assume uma influência semelhante à dos irmãos, no entanto, é de destacar que vários inquiridos são filhos únicos, o que torna a comparação entre o progenitor masculino e os irmãos pouco fidedigna, uma vez que proporcionalmente ao agregado familiar, os irmãos assumem, na amostra, a segunda figura com maior poder influenciador.

Qual a pessoa que exerce uma maior influência sobre si?
FEP

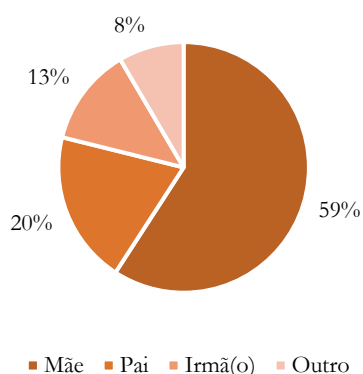


Gráfico 10: Familiar com Maior Influência nas Decisões Individuais (FEP)

Qual a pessoa que exerce uma maior influência sobre si?
FLUP

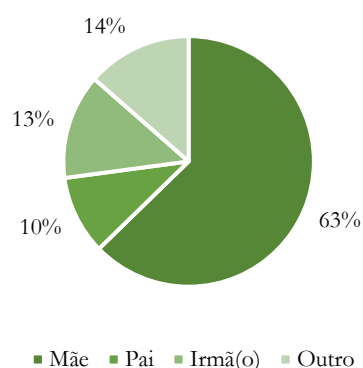


Gráfico 11: Familiar com Maior Influência nas Decisões Individuais (FLUP)

O inquérito termina com quatro afirmações, três das quais foram abordadas na revisão de literatura, procurando perceber qual a opinião do inquirido relativamente às mesmas. Assim, em relação à afirmação “A variável socioeconómica tem um peso significativo no acesso aos recursos educativos e influencia a construção das competências e crenças acerca do futuro académico e profissional”, podemos concluir que é praticamente unânime a ambas as faculdades, a posição de apoio com a mesma, já que mais de 80% refere que concorda, sendo praticamente a totalidade da restante percentagem respeitante a estudantes que não tecem uma opinião. Podemos concluir então que a amostra vai de encontro ao estudo realizado por Anna J. Egalite, no artigo “*How Family Background Influences Student Achievement*”, uma vez que a autora refere que o rendimento pode ter um impacto direto nos resultados académicos, uma vez que pais com maiores recursos financeiros podem apostar em escolas de melhor qualidade e garantir aos filhos a acessibilidade a atividades extracurriculares enriquecedoras para o mesmo a nível cognitivo e social.

No que concerne à afirmação “ Os estudantes que seguem a carreira dos pais têm um caminho facilitado no ingresso ao mercado laboral face aos que não se encontram nessas circunstâncias”, as opiniões dividem-se, ainda que, em ambas as faculdades, exista uma incidência maior na concordância com o comentário – 48% dos alunos da FEP e 66% dos alunos da FLUP. Destacar, no entanto, que mais de 20% em ambas as faculdades, não considera que a entrada no mercado de trabalho seja mais descomplicada pela semelhança de vocação entre progenitores e filho.

Do mesmo modo, também a última afirmação, nomeadamente “ Os estudantes que se encontram numa família monoparental têm uma menor facilidade no ingresso ao ambiente universitário” também é alvo de uma divergência considerável de opiniões. Assim, no caso da FEP, 34% consideram que efetivamente há uma menor facilidade na prossecução de estudos, enquanto 38% discordam com a afirmação e refutam, desse modo, a literatura, já que McLanahan & Sandefur (1994), no seu estudo, menciona que as crianças que crescem em famílias monoparentais têm, em geral, uma menor escolaridade do que as que vivenciam famílias biparentais, o que é, mais tarde, também referido por Anna J. Egalite, no seu artigo.

Quanto à terceira afirmação “As desigualdades no acesso ao percurso académico e profissional tornam-se mais evidentes com a situação pandémica vivida atualmente”, a mesma será abordada no ponto 4.4., pelo que não será efetuada análise no presente capítulo.

4. Conclusão do Estudo

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

Com o término desta investigação, podemos afirmar que o procedimento metodológico definido permitiu, de forma clara e concreta efetuar a ligação entre a teoria previamente construída – através de uma revisão aprofundada da literatura, onde foram apresentados os principais pressupostos teóricos e modelos conceituais relacionados com o tema - e os resultados obtidos, cuja análise tinha como finalidade responder às questões levantada na fase metodológica inicial, bem como proporcionar o alcance dos objetivos definidos na introdução. A discussão dos resultados obtidos, através do questionário disponibilizado na FEP e na FLUP, permitiu a formulação de conclusões relativas à amostra, podendo servir como referência à realização de novos trabalhos de investigação.

4.1. Sumário e Conclusões

Partindo da revisão de literatura e dos resultados verificados, enunciaremos, de seguida, as conclusões que entendemos ser mais pertinentes, as quais confirmam a importância da família perante a formação de identidade do indivíduo, as suas escolhas académicas e as orientações para o futuro.

Constatamos que, de um modo geral, os participantes da amostra, se encontram na fase da construção, demonstrando um bom nível de autonomia, dado que afirmam ser capazes de tomar as suas próprias decisões e sentirem-se envolvidos e comprometidos nessas mesmas escolhas. Ainda assim, esta é uma fase mais incidente nos estudantes da FEP, encontrando-se, ainda um leque considerável de alunos da Faculdade de Letras, na fase da moratória, admitindo não se sentirem comprometidos com algo, procurando afastar-se de pressões e criar o seu próprio espaço para explorar e testar a realidade que os rodeia.

Caraterizados por deterem uma identidade ativa, os estudantes assumem uma personalidade formada e capaz de evidenciar opiniões, mesmo nos casos em que estas não sejam semelhantes às de outros cidadãos. Se, até aqui, a construção identitária dos indivíduos de ambas as faculdades se mostra concordante, tal rumo é descontinuado com o apuramento

de uma atitude consideravelmente mais positiva dos estudantes da FEP em relação a si mesmos e às suas metas, quer pessoais quer profissionais.

É destacada a importância da fase da adolescência, nas mudanças cognitivas e sociais e na escolha da vocação, já que uma significativa parte dos estudantes, admite ter descoberto o caminho que pretendia seguir no ensino secundário. Da restante amostra, verifica-se na FEP, um maior número de casos em que se dá a consolidação da identidade numa fase mais precoce, discrepante com a realidade que também se faz sentir – e aqui em ambas as faculdades – de que $\frac{1}{4}$ dos alunos apenas descobre a sua vocação após o ensino secundário.

Também nos motivos adjacentes à escolha do percurso académico se verificam diferentes ordens de pensamento entre as duas faculdades, relacionados com a proximidade do mercado. Assim, se por um lado se percebe maior enfoque, por parte dos estudantes da FEP, em prosseguir cursos sobre os quais têm conhecimento do retorno que daí poderá advir, visualiza-se na FLUP uma maior importância dada a formações diretamente ligadas aos seus traços de personalidade e satisfação pessoal. A discrepância entre as duas faculdades encontra-se intimamente ligada à proximidade do mercado, já que a FLUP está numa situação em que, de um modo geral, este fica consideravelmente mais longínquo, com um menor número de ofertas e de rivalidade empresarial, que terá, inevitavelmente, consequências a nível das propostas recebidas. Provavelmente em consequência deste fator, se verifica um percurso de carreira menos linear nos estudantes da FLUP – já que $\frac{1}{4}$ da amostra desta faculdade exprime vontade de mudar de área.

Ficou claro que, apesar de todos os inquiridos se encontrarem numa fase similar da sua vida – a fase da formação académica –, as suas vivências pessoais, o curso escolhido e as suas experiências específicas atuam de forma diferenciadora para a perspetiva que fazem do seu futuro, para os aspetos que assumem como preponderantes na escolha de um emprego e para as expectativas e estratégias que definem para a sua evolução na carreira. Assim sendo, aferimos que, enquanto os estudantes da FEP assumem como ambição a curto prazo, características como liberdade financeira, desempenho de cargos de liderança, onde possam assumir maior responsabilidade e autonomia, os alunos da FLUP apontam, como as suas principais vontades, a intenção de pertencer a instituições internacionais com impacto na sociedade e a ambição de desempenhar funções fora do país, pelas perspetivas salariais que daí advém.

A função desempenhada é apontada, por ambas as faculdades, como um dos fatores principais na aceitação de uma proposta laboral, ao contrário da existência de familiares

associados à entidade empregadora, em que tanto a FEP como a FLUP considera ser o fator com menor peso. Ainda que concordantes, salientamos a predominância de valores tradicionais para os estudantes das ciências exatas e a orientação um pouco menos tradicional para os estudantes das ciências humanas, pela importância dada à relação entre os colegas, fator que se encontra dentro do pensamento mais emergente, associado ao peso cada vez maior dado à interação social no contexto profissional.

A nível da prospeção salarial, a perspectiva é de um crescimento mais célere nas profissões seguidas pelos estudantes da Faculdade de Economia, bem como uma progressão na carreira mais feroz, pressupondo que rendimentos mais altos se encontram relacionados com posições de maior responsabilidade e de maior nível hierárquico, dado que é verificada uma maior desigualdade de expectativas, à medida que se verificam mais anos de experiência. A proximidade ao mercado e as saídas profissionais que a Faculdade de Economia oferece ajudam a potenciar as expectativas dos estudantes após o seu percurso académico e a encorajá-los para um maior nível de negociação salarial.

No que respeita ao agregado familiar, constata-se que a amostra é, no seu todo, ampla e rica, pela diversidade de realidades distintas que se encontram representadas. Assim sendo, tanto do lado da FEP como da FLUP, os estudantes evidenciam seios familiares de todos os níveis de escolaridade – desde progenitores que têm o 6º ano até àqueles que terminaram o 3º ciclo de estudos do ensino superior, equivalente ao grau de doutorado. Ainda que muito dispersa, a amostra evidencia uma maior concentração de figuras maternas com baixos níveis educacionais na Faculdade de Letras.

Ao nível de profissões, os progenitores da FEP concentram-se, sobretudo, na categoria de “Especialistas das atividades intelectuais e científicas”, com cargos associados ao ensino e à gestão, enquanto na FLUP se destaca a categoria de “Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores”, com funções de auxiliar, beleza e proteção, como bombeiros e polícias. Constata-se semelhança entre os alunos da FEP e os seus progenitores, em relação ao espírito de liderança e empreendedor, já que a segunda tipologia mais recorrente respeita a “Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos”.

A qualidade da relação familiar é um marco positivo na formação da identidade do adolescente e na amostra de ambas as faculdades. Os estudantes mantêm uma relação familiar coesa, onde se sentem apoiados no seu desenvolvimento pessoal e onde lhes é proporcionado espaço para opinar. Ainda que se verifique um maior número de respostas

favoráveis por parte dos estudantes da FEP, existe uma evidente consistência nas respostas de ambas as instituições de ensino.

Evidencia-se, por mais de um terço dos estudantes da Faculdade de Economia – o que não se constata no caso da Faculdade de Letras - semelhança entre a profissão do agregado familiar e o percurso académico seguido pelo estudante, pelo que se depreende que, em muitos dos casos, a opção seguida foi a já traçada previamente pelos pais e, em alguns desses casos, a “definida” ao longo das gerações, por existência de empresas familiares dentro da área. Nesses casos, foi praticamente unânime pelos estudantes, a vontade de prosseguir carreira na mesma.

Além da influência que os progenitores podem ter nas decisões académicas tomadas pelos jovens, por semelhança com os caminhos seguidos por si, verifica-se igualmente a existência de outros motivos que levam o agregado familiar a persuadir as escolhas dos mais novos, nomeadamente percursos idealizados para si e que não foram concretizados ou, simplesmente, áreas que consideram proporcionar melhores perspetivas futuras e, dessa forma, procurarem as mesmas para os seus descendentes, influência essa mais evidente e constatada nos estudantes da FEP. São as mães as que exercem uma persuasão mais relevante nas escolhas individuais, tendo um papel crucial nas diversas experiências de vida dos adolescentes, onde se inclui a formação académica.

Resumidamente, e pegando na questão de partida “Em que medida é que o fator de proximidade ao mercado e a influência familiar determinam as escolhas de formação académica?”, verificamos que as perspetivas dos estudantes acerca das oportunidades de trabalho têm influência direta na sua construção identitária, uma vez que sujeitos que frequentem cursos cujo mercado se encontra mais longínquo, tenderão a experienciar pensamentos mais desfavoráveis em relação a si e ao seu percurso. Consequentemente, esse espírito mais negativo terá uma influência clara na construção de carreira, pela propensão para expectativas vocacionais e evoluções salariais mais lentas. Ao mesmo tempo, a influência familiar terá um papel crucial nas escolhas de formação académica, influência essa que tende a aumentar, de forma considerável, com a proximidade do mercado, já que nos casos de sucesso, os familiares mostrarão vontade para que os filhos sigam as suas pisadas, ao invés dos casos de insucesso ou menor oferta de emprego, onde os progenitores tenderão a desincentivar os indivíduos no seguimento dessas trajetórias, tendo, quer num caso quer noutro, as figuras maternas um papel de especial importância, pela maior influência que detêm sobre os seus descendentes.

4.2. Contributos

Da pesquisa efetuada decorrem algumas sugestões que nos parecem interessantes e das quais poderão resultar contributos benéficos para a formação de identidade do indivíduo, para a sua construção de carreira e para as suas escolhas individuais, como um todo. As sugestões que enumeramos, em seguida, agregam os próprios estabelecimentos de ensino, bem como um conjunto de figuras que acreditamos terem um papel preponderante no sujeito, entre as quais o agregado familiar – com ênfase nos progenitores ou em quem assuma essa responsabilidade -, nos docentes e no próprio meio estudantil onde este se insere.

Em primeira instância, encontra-se o papel dos pais, como fundantes na formação dos seus descendentes. É fundamental que o estudante se sinta valorizado pelos seus progenitores, acreditando que estes reconhecem as suas capacidades, para que o indivíduo seja capaz de alcançar, de uma forma mais célere, a maturidade positiva, no que respeita a aspetos da sua identidade - como a autoestima e o bem estar - e da sua carreira - como as perspetivas de futuro.

Outra das figuras de relevo que marca o percurso dos estudantes e que influencia as escolhas de formação que este optará mais tarde, é o núcleo de colegas em que se insere. Desse modo, e com o objetivo de evitar possíveis desvios educacionais e/ou cargas emocionais negativas, é de extrema importância o papel dos docentes, tendo estes o dever de incentivar a solidariedade e o respeito pelas diferenças. Por exemplo, o professor poderá realizar alguns trabalhos didáticos que incentivem a solidariedade, cooperação, o diálogo e a prática de boas maneiras.

A perceção dos pais relativamente ao bom desempenho do seus papéis poderá, em alguns casos, ser colocado em causa, quando confrontados com a realidade de outros agregados familiares. Deste modo, por acreditarmos que a possibilidade de partilha sobre a missão da paternidade poderá, igualmente, contribuir para colmatar problemas ou corrigir falhas, consideramos que seria benéfico existir um maior número de encontros entre os encarregados de educação, quer dentro ou fora do ambiente académico, por forma a partilharem opiniões e estratégias.

O ensino desempenha, igualmente, um papel crucial no desenvolvimento de *skills* e no encaminhamento dos estudantes para áreas de interesse. Para que essa direção tome a eficácia pretendida é necessária uma reorganização do ensino, tentando que, dentro do

possível, haja um ajustamento das matérias às necessidades de mercado, substituindo algumas abordagens mais teóricas por abordagens mais práticas, que suscitarão um maior interesse por parte do estudante e um aumento da sua satisfação no meio académico. Ao mesmo tempo e, essencialmente, nas escolas secundárias – dado que é sobretudo nesta fase que os alunos tomam as suas decisões vocacionais – é premente a implementação de estratégias como programas de intervenção psicopedagógica e a criação de uma semana educativa, na qual fossem convidados ex-alunos, das mais diversas áreas, que pudessem dar *feedback* e conselhos relativamente ao curso superior seguido, às principais dificuldades sentidas, entre outros aspetos. Deste modo, os estudantes do ensino secundário teriam a oportunidade de contactar, um pouco mais de perto, com a realidade das diversas formações do ensino superior e, assim, direcionar melhor o seu caminho, impedindo ou reduzindo o número de situações em que se evidencia descontentamento académico.

Ainda neste tema, mas focando, agora a atenção para o ensino superior, as universidades podiam apostar – como já tem vindo a ser desenvolvido em algumas delas - um “*open day*”, em que abrissem as portas para dar a conhecer, aos estudantes, o funcionamento do mundo académico, os vários cursos que oferecem e as atividades lúdicas que promovem. Os indivíduos teriam, assim, a oportunidade de realizar algumas experiências, visitar as instalações, tirar dúvidas, bem como conhecer alguns dos professores e alunos.

4.3. Limitações

Acreditamos na obtenção de conclusões consistentes e sustentáveis, dado o esforço na execução de um estudo rigoroso e dada a prudência na escolha metodológica, optando por uma metodologia mista para melhor servir o propósito do estudo e conseguir extrair um leque mais diversificado de resultados. Apesar disso, estamos conscientes de que as opções de escolha tomadas assumem limitações adjacentes, na impossibilidade de extração de conclusões genéricas, entre elas: 1) a restrição da investigação a duas faculdades, ambas da Universidade do Porto e à abrangência de apenas uma parte dos cursos disponibilizados em ambas as instituições de ensino; 2) a concentração das respostas à região do Porto, ignorando a possibilidade de opiniões distintas em outras zonas de Portugal ou, até mesmo, comparativamente com outros países; 3) a incidência da pesquisa numa universidade pública, estando cientes de que a inclusão de institutos politécnicos ou instituições privadas poderiam suscitar conclusões distintas; 4) a maior centralização da amostra para trabalhadores-estudantes, dado que, à exceção dos inquéritos disponibilizados em sala de aula, os restantes, foram, numa considerável proporção, distribuídos via *online* pelo núcleo inserido pela investigadora, os quais se encontram, na sua maioria, no mesmo momento de carreira que esta e, portanto, numa fase inicial da sua experiência laboral; 5) a não inclusão de um estudo econométrico, onde sejam testadas hipóteses e onde se analise a correlação entre as variáveis escolhidas.

Assim, apesar das 130 respostas obtidas e do cuidado em que a amostra fosse o mais ampla e completa possível, é necessário reconhecer a importância da inclusão dos aspetos acima identificados na amostra, bem como outros, para daí resultar uma aplicabilidade prática e um retrato geral das conclusões obtidas.

4.4. Sugestões para Estudos Posteriores

Os resultados alcançados no gradual desenrolar da investigação sugerem estudos posteriores que poderão enriquecer a problemática da influência familiar no percurso académico e profissional dos indivíduos, através do aprofundamento das conclusões retiradas. Assim, em primeira instância, consideramos que seria pertinente replicar o questionário em amostras diferenciadas, como por exemplo, em faculdades distintas, em regiões do interior ou do centro/sul de Portugal ou em diferentes países, de forma a analisar a influência que a própria cultura poderá ter nas conclusões observadas.

Seria igualmente pertinente efetuar um estudo comparativo da temática entre estudantes de instituições públicas e privadas, pela possível discrepância no nível socioeconómico e pela satisfação demonstrada pelo percurso académico seguido – já que acreditamos que em instituições privadas existe um maior leque de estudantes a prosseguir a área de interesse, quando comparativamente com faculdades públicas, em que ainda existe um grande número de indivíduos a seguir formações cuja média se enquadrasse.

Desviando, agora, as sugestões ao nível da amostra e metodologia aplicada, consideramos possuir valor acrescentado perante a influência do percurso académico e a própria construção identitária, o meio estudantil em que o sujeito se insere, pelo que seria oportuno efetuar uma análise às possíveis correlações entre o autoconceito e a relação com a turma, o comportamento desta, a satisfação do indivíduo perante a instituição de ensino e a sua formação escolar.

Finalizando, e tocando num ponto que nos é a todos familiar, pela aplicabilidade recente que teve no nosso quotidiano e pela premente adaptação que teve de ser instaurada, quer a nível familiar quer académico ou profissional, julgamos ser impactante o estudo da relação entre a situação pandémica vivida da Covid-19, com a problemática em estudo. Desse modo, aconselhamos o investigador a tentar perceber se as desigualdades e o acesso à formação académica e profissional se tornaram mais evidentes com a pandemia e se, dessa forma, a influência parental assumiu um papel nunca antes visto. Para tal, decidimos solicitar aos inquiridos uma opinião acerca do tema, tendo mais de 60% do total da amostra afirmado concordar com o aumento das desigualdades no acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho, em consequência desta nova realidade.

Referências Bibliográficas

- Adams, G. R., & Marshall, S. (1996). A developmental social psychology of identity: Understanding the person in context. *Journal of Adolescence*, 19, 429–442.
- Alvesson, M. & Willmott, H. (2002). Identity regulation as organizational control: Producing the appropriate individual. *Journal of Management Studies*, 39(5), 619-644.
- Andrade, C. (2010a). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28(2), 255-267.
- Arthur, M. B., Claman, P. H., & DeFillipi, R. J. (1995). Intelligent enterprise, intelligent careers. *Academy of Management Executive*, 9 (4), 7-22.
- Cain, D. S. & Combs-Orme, T. (2005). Family structure effects on parenting stress and practices in the african american family. *The Journal of Sociology & Social Welfare*, 32(2), 34-37.
- Crites, J. O. (1969). Vocational psychology: The study of vocational behavior and development. *New York (N.Y.)*.
- Defillippi, R. J., & Arthur, M. B. (1994). The boundaryless career: A competency-based perspective. *Journal of Organizational Behavior*, 15(4), 307–324.
- Detry, B. & Cardoso, A. (1996). Construção do futuro e construção do conhecimento. *Fundação Calouste Gulbenkian*, 1, 97-115.
- Duarte, M. E. (2006). Desenvolvimento e gestão de carreiras: prelúdio e fugas (ou a psicologia da construção da vida). *Revista Portuguesa de Psicologia*, 39, 41-64.
- Dutra, J. S., Veloso, E. F. E., Fischer, A. L., & Nakata, L. E. (2009). As carreiras inteligentes e sua percepção pelo clima organizacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 55- 70.
- Eaton, S. C. & Bailyn, L. (2000). Career as life path: Tracing work and life strategies of biotech professionals. In *Career Frontiers: New Conceptions of Working Lives*, Oxford University Press, 177–98.
- Eccles, J. S. (1993). School and family effects on the ontogeny of children's interests, self-perceptions, and activity choices. In J. E. Jacobs (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation, 1992: Developmental Perspectives on Motivation*, University of Nebraska Press, 145–208.

Egalite, A. J. (2016). How family background influences student achievement: Can schools narrow the gap?. *Education Next*, 16(2), 70-78.

Entschev, B. (2013). A influência dos pais na escolha profissional dos filhos. *Jornal Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/colunistas/talento-em-pauta/a-influencia-dos-pais-na-escolha-profissional-dos-filhos-36yvdebos2l018odkv8c1u1ce/>.

Erikson, E. (1968). Identity: Youth and crisis. *New York: W. W. Norton & Company*, 14(3), 91-142.

Esteves, A. (2012). *A construção da identidade profissional do enfermeiro em bloco operatório*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal]. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4647/1/AnaEsteves_TeseMestrado_Constr%20Identidade%20Prof%20Enf%20BO.pdf.

Ferreira, T., et Al. (2003). A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.

Gergen, K. (1991) The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life. *New York: Basic Books*.

Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2003). Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho. *Atas do Congresso Internacional de Norte de Portugal/Galiza*, 4, 353-366.

Grey, C. (1994). Career as a project of the self and labour process discipline. *Sage Journals*, 28(2), 479-497.

Hall, D. T. (2004). The protean career: A quarter-century journey. *Journal of Vocational Behavior*, 65(1), 1–13.

Hall, D. T. & Moss, J. E. (1998). The new protean career contract: Helping organizations and employees adapt. *Organizational Dynamics*, 26(3), 22-37.

Hartung, P. J., Porfeli, E. J., & Vondracek, F. W. (2008). Career adaptability in childhood. *The Career Development Quarterly*, 57(1), 63–74.

Hill, M.M., & Hill, A. (2002). Investigação por questionário. *Edições Sílabo*, 2, 19-25.

- Holland, J. L. (1973). Making vocational choices: A theory of careers. *Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.*
- Holland, J. L. (1985). Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments (2nd ed.). *Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.*
- Jones, C., & Defillippi, J. (1996). Back to the future in film: Combining industry and self-knowledge to meet the career challenges of the 21st century. *Academy of Management Executive*, 10(4), 89-103.
- Levinson, D., et Al. (1978). The seasons of a man's life. *Ballantine Books.*
- Marcia, J. E. (1994). Identity and psychotherapy: Interventions for adolescent identity development. *Sage Publications Inc*, 29-46.
- McCall, G. J., & Simmons, J. L. (1966). Identities and interaction: An examination of human association in everyday life. *New York: Free Press.*
- McLanahan, S. & Sandefur, G. (1994). Growing up with a single parent: What hurts, what helps. *Cambridge: Harvard University Press*, 7, 95-156.
- Nepomuceno, R. & Witter, G. (2010). Influência da família na decisão profissional: Opinião de adolescentes. *Journal Scielo*, 14(1), 15-22.
- Neuenschwander, M. & Garrett, J.L. (2008). Causes and consequences of unexpected educational transitions in Switzerland. *Journal of Social Issues*, 64(1), 41-58.
- Neuenschwander, M. P., Vida, M., Garrett, J.L. & Eccles, J.S. (2007). Parents' expectations and students' achievement in two western nations. *International Journal of Behavioral Development*, 31(5), 474-482.
- Nogueira, J., Neuenschwander, M.P. & Detry, B. (2009). La transmission entre famille et école pour les adolescents: Au-delà du niveau socio-économique. In *Figures Contemporaines de la Transmission: Press Universitaires de Namur*, 139-155.
- Nurmi, J. E. (1991). How do adolescents see their future? A review of the development of future orientation and planning. *Developmental Review*, 11(1), 1-59.

O'Brien, K. M., Friedman, S. C., Tipton, L. C. & Linn, S. G. (2000). Attachment, separation, and women's vocational development: A longitudinal analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 47(3), 301-315.

Palma, A. (2008). *Identidade vocacional na adolescência: família, escola, gênero e estatutos de identidade*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4247/1/12143.pdf>.

Ponciano, E. & Carneiro, T. (2014). Parent-child relationship in the transition to adulthood, autonomy and relativization of hierarchy. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 388-397.

Ribeiro, M. (2009). A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 203-216.

Roe, A. (1957). Early determinants of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 4(3), 212-217.

Sainsaulieu, R. (1995). L'identité au travail: Une expérience partagée. In: *Françfort, J. et al. Les mondes sociaux de l'entreprise, Paris: Sociologie Économique*.

Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly*, 45(3), 247-259.

Savickas, M. L. (2002). Reinvigorating the study of careers. *Journal of Vocational Behavior*, 61(3), 381-385.

Savickas, M. L. (2004). Vocational psychology. In *C. Spielberger (Ed.). Encyclopedia of Applied Psychology, Boston: Elsevier Academic*, 655-667.

Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In *Career Development and Counseling: Putting Theory and Research to Work. eds. S. D. Brown and R. W. Lent, United States: John Wiley and Sons*, 42-70.

Schlenker, B. R. (1984). Identities, identifications, and relationships. In *V. Derlega (ed.). Communication, Intimacy, and Close Relationships*, 71-104.

Seligman, L. (1994). Developmental career counseling and assessment. *Sage Publications, Inc.*, 2, 364-385.

Singly, F. (1997). Le soi, le couple et la famille. *Sociologie du Travail*, 39(1), 123-125.

Singly, F. (2002). Libres ensemble: l'individualisme dans la vie commune. *Revue Française de Sociologie*, 43(1): 180.

Sonnenfeld, J., & Kotter, J. P. (1982). The maturation of career theory. *Human Relations*, 35(1), 19-46.

Super, D. E., Thompson, A. S. & Lindeman, R. H. (1988). Adult career concerns inventory. *Manual for Research and Exploratory Use in Counselling: Consulting Psychologists Press*, 23, 1-56.

Taborda, S. (2012). *Carreiras proteanas e empregabilidade: estudo com uma amostra de chefias*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6918/9/ulfpie040145_tm_tese.pdf.

Wigfield, A. & Eccles, J. S. (2002). Development of achievement motivation: The development of competence beliefs, expectancies for success, and achievement values from childhood through adolescence. *Educational Psychology*, 91-120.

Anexos

Anexo I : Questionário

O Impacto do Seio Familiar no Percurso Académico e Profissional

O presente inquérito surge no sentido de sustentar e enriquecer a investigação que está a ser desenvolvida para a dissertação de mestrado na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, pela aluna Ana Carolina Gonçalves Viana de Sá com orientação do Professor Doutor Manuel António Fernandes da Graça.

A participação do estudante neste estudo é voluntária e as suas respostas confidenciais. Os dados recolhidos serão apenas utilizados para fins de investigação, apelando, dessa forma, à sinceridade de todos os inquiridos. A aluna compromete-se a salvaguardar a privacidade das respostas, sendo as mesmas recolhidas e tratadas apenas pela mesma.

Com o objetivo de procurar responder à questão "Em que medida é que o fator de proximidade ao mercado e a influência familiar determinam as escolhas de formação académica?", o questionário tenciona estudar e comparar duas realidades, nomeadamente a proximidade ao mercado da Faculdade de Economia da Universidade do Porto e da Faculdade de Línguas da Universidade do Porto.

Muito obrigada pelo seu contributo.

1. Género

- Feminino
 Masculino
 Prefiro não responder

2. Idade

3. Composição do Agregado Familiar

- Mãe e Pai
- Mãe, Pai e Irmão(s)
- Mãe e Irmão(s)
- Pai e Irmão(s)
- Mãe
- Pai
- Outra: _____

4. Nacionalidade

- Portuguesa
- Outra: _____

5. Em qual das faculdades está a estudar?

- Faculdade de Economia do Porto (FEP)
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

6. Qual o curso que está a tirar?

7. Quais as experiências profissionais já experienciadas?

Selecionar todas as opções aplicáveis

- Trabalhador-Estudante
- Part-Time de Verão
- Part-Time ocasional
- Estágio Profissional
- Estágio Curricular
- Não tenho experiência profissional
- Outra: _____

8. De que forma obteve essa experiência profissional?

Pretende-se que apenas respondam a esta questão, os estudantes que já tenham tido alguma experiência profissional

- Através de um familiar
- Através de um amigo
- Por iniciativa própria
- Outra: _____

9. Em qual das seguintes fases considera que se encontra?

Selecionar apenas uma opção

- Evito fazer escolhas autónomas, seguindo e concordando com as metas impostas ou idealizadas pelos meus familiares
- Uma vez que não me sinto comprometido com algo, procuro afastar-me de pressões e criar o meu próprio espaço para explorar e testar a realidade que me rodeia
- Sinto que a minha vida se encontra suspensa, sem uma essência ou direção própria, sentindo que tenho poucos ou nenhuns compromissos e apenas vivo o momento
- Encontro-me capaz de tomar as minhas próprias escolhas e segui-las, estando envolvido e comprometido nessas decisões

10. Assinale a sua opinião acerca das seguintes afirmações:
(1 – Discordo totalmente; 2- Discordo; 3 – Não discordo nem concordo; 4- Concordo; 5- Concordo totalmente)

	1	2	3	4	5
Sinto-me satisfeito com o que sou e assumo uma atitude positiva em relação a mim próprio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando tenho uma opinião diferente de outra pessoa, não deixo de apresentar os meus argumentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lido bem com as coisas que não consigo alterar na minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou satisfeito com o modo e a forma como os meus planos de vida se estão a concretizar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho uma personalidade formada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A opinião dos outros influencia a forma como vejo as coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Em que altura da vida é que percebeu qual o caminho académico que pretendia seguir?

12. Quais as principais razões para a escolha do seu curso?

Selecionar todas as opções aplicáveis

- Saídas profissionais
- Perspetivas salariais futuras
- Gosto pessoal
- Influência familiar, dado que existem pessoas próximas de mim que enveredaram pelo mesmo caminho
- Influência familiar, dado que era a profissão que pessoas próximas de mim desejavam ter seguido
- Outra: _____

13. O percurso académico que seguiu está enquadrado com o que pretende fazer no futuro?

Sim

Não

14. Como se imagina daqui a 5 anos a nível profissional?

15. Enumere de 1 a 6, o que o leva a aceitar uma proposta de emprego (1 - fator mais importante; 6 - fator menos importante):

Pretende-se que apenas exista uma resposta em cada coluna

	1	2	3	4	5	6
Salário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relação entre colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Proximidade geográfica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter familiares ou amigos que trabalham ou já trabalharam na entidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Função desempenhada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhecimento da entidade no mercado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Qual o rendimento bruto que perspetiva auferir no início da sua carreira profissional? E passado 2 anos de experiência? E 4?

17. Qual o grau de escolaridade dos membros do seu agregado familiar?
 Proceda apenas ao preenchimento dos membros que incluem o seu agregado familiar

	< = 6 ° Ano	9 ° Ano	12 ° Ano	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Irmã(o)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Avó	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Avô	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

18. Qual a profissão dos membros do seu agregado familiar?

19. Com que regularidade surgem as seguintes situações na sua família:
 Escala: 1- Nunca, 2- Raramente, 3- Às vezes, 4- Muitas vezes, 5- Sempre

	1	2	3	4	5
A minha família apoia-me quando pretendo começar uma nova atividade extracurricular	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha família sempre me incentivou a aumentar a minha cultura geral (exemplo: visita a museu, leitura de livros)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha família aborda comigo temas da atualidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha família incentivou o meu ingresso na universidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mantenho uma relação próxima e afetiva com os meus familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tentamos que as decisões em casa sejam tomadas em conjunto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Algum membro do seu agregado familiar exerce uma profissão relacionada com o percurso que está a seguir? Ou tem alguma empresa relacionada?

Sim, exerce uma profissão relacionada

Sim, tem uma empresa relacionada

Sim, ambas

Não

21. Perspetiva seguir o seu percurso profissional na mesma?

Pretende-se que apenas respondam a esta questão, os estudantes que tenham respondido "Sim" na questão anterior

Sim

Não

Talvez

22. A escolha do seu percurso académico foi influenciada pelos membros do seu agregado familiar?

Sim

Não

Talvez

23. Que caminho teria seguido por opção própria?

Pretende-se que apenas respondam a esta questão, os estudantes que tenham respondido "Sim" ou "Talvez" na questão anterior

24. Em que medida é que sente que as suas decisões são influenciadas pela opinião dos seus familiares?

1 2 3 4 5

Nada influenciadas Totalmente influenciadas

25. Qual a pessoa que exerce uma maior influência sobre si?
Selecionar apenas uma opção

- Mãe
- Pai
- Irmã(o)
- Outra: _____

26. Qual a sua opinião em relação às seguintes afirmações:

	Concordo	Discordo	Não concordo nem discordo
A variável socioeconómica tem um peso significativo no acesso aos recursos educativos e influencia a construção das competências e crenças acerca do futuro académico e profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes que seguem a carreira dos pais têm um caminho facilitado no ingresso ao mercado laboral face aos que não se encontram nessas circunstâncias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As desigualdades no acesso ao percurso académico e profissional tornam-se mais evidentes com a situação pandémica vivida atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes que se encontram numa família monoparental têm uma menor facilidade no ingresso ao ambiente universitário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo II : Classificação Portuguesa das Profissões

GRANDE GRUPO	SUB-GRANDE GRUPO	DESIGNAÇÃO
0		PROFISSÕES DAS FORÇAS ARMADAS
	01	Oficiais das Forças Armadas
	02	Sargentos das Forças Armadas
	03	Outro Pessoal das Forças Armadas
1		REPRESENTANTES DO PODER LEGISLATIVO E DE ÓRGÃOS EXECUTIVOS, DIRIGENTES, DIRETORES E GESTORES EXECUTIVOS
	11	Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes superiores da Administração Pública, de organizações especializadas, directores e gestores de empresas
	12	Directores de serviços administrativos e comerciais
	13	Directores de produção e de serviços especializados
	14	Directores de hotelaria, restauração, comércio e de outros serviços
2		ESPECIALISTAS DAS ACTIVIDADES INTELECTUAIS E CIENTÍFICAS
	21	Especialistas das ciências físicas, matemáticas, engenharias e técnicas afins
	22	Profissionais de saúde
	23	Professores
	24	Especialistas em finanças, contabilidade, organização administrativa, relações públicas e comerciais
	25	Especialistas em tecnologias de informação e comunicação (TIC)
	26	Especialistas em assuntos jurídicos, sociais, artísticos e culturais
3		TÉCNICOS E PROFISSÕES DE NÍVEL INTERMÉDIO
	31	Técnicos e profissões das ciências e engenharia, de nível intermédio
	32	Técnicos e profissionais, de nível intermédio da saúde
	33	Técnicos de nível intermédio, das áreas financeira, administrativa e dos negócios
	34	Técnicos de nível intermédio dos serviços jurídicos, sociais, desportivos, culturais e similares
	35	Técnicos das tecnologias de informação e comunicação

GRANDE GRUPO	SUB-GRANDE GRUPO	DESIGNAÇÃO
4		PESSOAL ADMINISTRATIVO
	41	Empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados
	42	Pessoal de apoio directo a clientes
	43	Operadores de dados, de contabilidade, estatística, de serviços financeiros e relacionados com o registo
	44	Outro pessoal de apoio de tipo administrativo
5		TRABALHADORES DOS SERVIÇOS PESSOAIS, DE PROTECÇÃO E SEGURANÇA E VENDEDORES
	51	Trabalhadores dos serviços pessoais
	52	Vendedores
	53	Trabalhadores dos cuidados pessoais e similares
	54	Pessoal dos serviços de protecção e segurança
6		AGRICULTORES E TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGRICULTURA, DA PESCA E DA FLORESTA
	61	Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e produção animal, orientados para o mercado
	62	Trabalhadores qualificados da floresta, pesca e caça, orientados para o mercado
	63	Agricultores, criadores de animais, pescadores, caçadores e colectores, de subsistência
7		TRABALHADORES QUALIFICADOS DA INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ARTÍFICES
	71	Trabalhadores qualificados da construção e similares, excepto electricista
	72	Trabalhadores qualificados da metalurgia, metalomecânica e similares
	73	Trabalhadores qualificados da impressão, do fabrico de instrumentos de precisão, joalheiros, artesãos e similares
	74	Trabalhadores qualificados em electricidade e em electrónica
	75	Trabalhadores da transformação de alimentos, da madeira, do vestuário e outras indústrias e artesanato

	SUB-GRANDE GRUPO	DESIGNAÇÃO
8		OPERADORES DE INSTALAÇÕES E MÁQUINAS E TRABALHADORES DA MONTAGEM
	81	Operadores de instalações fixas e máquinas
	82	Trabalhadores da montagem
	83	Condutores de veículos e operadores de equipamentos móveis
9		TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS
	91	Trabalhadores de limpeza
	92	Trabalhadores não qualificados da agricultura, produção animal, pesca e floresta
	93	Trabalhadores não qualificados da indústria extractiva, construção, indústria transformadora e transportes
	94	Assistentes na preparação de refeições
	95	Vendedores ambulantes (excepto de alimentos) e prestadores de serviços na rua
	96	Trabalhadores dos resíduos e de outros serviços elementares

FACULDADE DE ECONOMIA

